



*um lenço amarelo*  
os trinta anos do grupo escoteiro padre baron

*Danilo Duarte*

# 1

## **Leões, lobos e a Ressacada**

Entrar em um grupo escoteiro é como ser convidado para outra fraternidade qualquer: a maior parte das pessoas ali que militam veio graças a indicação de algum amigo. E entre os escoteiros do grupo Padre Baron, é quase como se fosse uma tradição, que começou pelos fundadores, Tarcísio e Apolinário, e contagia a todos até os dias de hoje. Agostinho Bernardes, da primeira turma de escoteiros com o lenço amarelo, foi incentivado por eles a aderir à nova ideia. “Eu tinha onze anos e fazia parte da ‘Patota de Cristo’ na Igreja do Dom Bosco, porque morava ali perto”.

Junto com o irmão, três anos mais velho, eles entraram no grupo, mesmo sem saber muito do que se tratava. “A gente ia porque os pais da gente tinham os outros pais como referência, então se os filhos deles estavam lá, a gente poderia estar também”. Não importava a distância em relação ao Parque. Todos iam se encontrando pelo caminho e acabavam chegando em turmas até o pátio para as atividades. Alguns deles vêm de bairros tão distantes como o São Vicente, Cordeiros. Há quem atravessasse a rodovia BR 101 e viesse desde a Itaipava, na zona rural da cidade, para frequentar as atividades semanais.

A ligação entre os moradores de Itajaí e as águas chega a ser umbilical. Foi por ali que sempre chegaram as grandes riquezas que sustentaram os grandes comerciantes locais. A cidade já enfrentou ciclos importantes, como quando era um entreposto de madeira, de grãos ou as caixas metálicas de hoje. Os rios serviram também para que outros emigrantes por aqui passassem com destino a colônias alemãs, rio acima. As vias aquáticas de Itajaí

compõem um traçado peculiar, com o rio Itajaí-açú e seu braço, o Itajaí Mirim, recortando os bairros e servindo de limítrofes. No sentido sul-norte, o mais novo vem separando, a leste, os bairros Carvalho, Dom Bosco, São Judas, São João e Barra do Rio, além da Vila Operária, Fazenda, Ressacada e Centro. Já do outro lado, ficam os moradores do São Vicente, Cordeiros e Cidade Nova – o bairro mais castigado nas cheias de 2008. A grande cruz de água que se forma em Itajaí ainda corta estes dois últimos bairros, numa retificação feita pelo homem depois que a cidade sofreu com as chuvas de 1983 e 84.

Calça jeans azul, meio surrada, e uma camisa simples, estes são os trajes ideais para uma atividade escoteira. “Vai com uma roupa que possa sujar”, é sempre a recomendação de quem convida um amigo para o novo mundo do escotismo. A maior parte das pessoas desconhece o que seja esse encontro de meninos e homens, todos vestidos da mesma maneira e com atitudes semelhantes ao exército. Mas quem já usou um uniforme e o lenço no pescoço logo fala sobre o sentimento em trajar essa vestimenta. Andréia já fez parte do grupo e lembra que “a sensação é de que sou uma pessoa diferente e que posso fazer algo melhor para o mundo. Tenho orgulho do uniforme escoteiro, principalmente do lenço, porque vejo que no Padre Baron, ele tem um brilho a mais, pela sua história”.

Assentado sobre a rua Indaial, uma das avenidas que recortam a cidade de norte a sul, como se corresse em paralelo ao rio Itajaí Mirim, fica o Asilo Dom Bosco. Hoje, o lugar abriga apenas idosos, assim como deveria ser desde que foi fundado. Mas, por não ter condições de erguer uma sede própria, ali serviu também como abrigo temporário do grupo escoteiro Padre Pedro Baron.

Na fachada do prédio, hoje tingido de verde claro, há uma imagem feita em argila e cimento com a feição de um homem italiano. É João Bosco, considerado santo pela Igreja Católica por seus milagres em cidades italianas no século 18. É também o fundador da congregação salesiana. Em Itajaí, a presença destes religiosos começou em 1956, quando eles assumiram a direção do que era o Ginásio Itajaí. À frente do empreendimento estava um padre, de nome Pedro.

**“Agradeço por não ter chovido hoje e espero que ninguém se machuque.”**

O escotismo costuma permitir e criar oportunidades para que as pessoas criem laços de amizades muito fortes. Alguns se tornam amigos inseparáveis, como Alexandre Bini e Marcelo Máximo. A amizade dos dois remete à chegada do primeiro ao Padre Baron, em 1989. Marcelo estava sentado em uma calçada, à espera do início das atividades que começavam “pontualmente” às 14 horas, enquanto Alexandre conhecia a todos.

Filho de Renato, comissário distrital da época, Alexandre saiu do grupo Lauro Muller, na mesma cidade, porque o pai e alguns amigos queriam ajudar a reerguer o Padre Baron. Eram quatro adultos. André Luis Pimentel Leite da Silva, o risonho e quase careca, apesar do rabo de cavalo de cinco centímetros; Mauro Ballester, que sempre usou óculos de aros pretos e arredondados; Valter Néis, dono de um humor muito parecido com o de André e Lilian, a matriarca da família Bini. Todos estavam entrando no Padre Baron com a promessa de reestruturar o grupo para que ele pudesse continuar, de maneira organizada e planejada. É claro que nem tudo saiu como pensado, principalmente no início. As mensalidades, por exemplo, eram pagas por poucos e nem sempre no prazo correto, provavelmente pela instabilidade econômica pela qual o país todo passava. Marcelo Máximo, um dos poucos que conseguia pagar, não se recorda mais qual era o valor que sua família doava ao grupo escoteiro. “A única coisa que me lembro é que era um canhoto vermelho e branco. Disso eu tenho certeza”.

Se Alexandre chegou ao Padre Baron em 1989, a chegada de Marcelo aconteceu bem mais cedo. “Eu tinha oito anos quando meu pai me levou na carona de uma bicicleta até a casa do ‘chefe’ Romão e pediu pra que ele me colocasse no escoteiro pra ver se eu tomava jeito”. Gilberto, o pai do galego Marcelo, era militar e já conhecia a residência do chefe escoteiro, numa esquina das ruas Imaruí e Egon Schauffert. Até hoje o homem reside no mesmo endereço, mas os materiais do movimento escoteiro já não estão tão acessíveis quanto naqueles anos. Guardados em caixas de papelão e em malas de viagem, parecem



repousar ali há tanto tempo que uma fina camada de pó cobre tudo. As páginas de livros e apostilas exalam um cheiro leve de mofo, mas que proporciona uma coceira e irritação nas narinas e olhos, que quase ficam vermelhos.

O que não fica com esse cheiro, mesmo sendo antigas, são as cerimônias. Três silvos agudos de um apito ecoam pelos morros da região onde se pretende instalar uma reserva ecológica. Em seguida, alguns gestos feitos por um adulto que usa o mesmo traje de todos os presentes. Uma calça jeans azul escura, uma camisa azul clara, com botões pretos correndo pelo meio do peito até chegar a gola, onde encontra um pedaço de pano amarelo enrolado, preso por um rolo feito de couro. Como se o apito fosse a deixa, todos correm e se perfilam a frente do adulto que comanda o ritual. Separados por idades e em pequenos grupos, lá estão todos os jovens. Os outros chefes escoteiros ficam próximos a uma árvore, onde uma corda branca já está pendurada e amarrada à bandeira brasileira. À frente de cada fila, que na linguagem escoteira se chama patrulha, ficam os mais maduros ou experientes. Chamados de monitores, eles seguram um pedaço de galho de árvore, o bastão, uma espécie de cajado. No alto de cada bastão, uma bandeirola, em que um animal é desenhado. São os escoteiros propriamente ditos.

À direita desses jovens estão alguns rapazes mais barbados e meninas de corpo mais desenvolvido. Fica evidente que são mais velhos e que há diferença nas suas bandeirolas, feitas de couro, queimados por uma caneta especial, para escrever alguns nomes mais exóticos. Isto porque no ramo sênior, as patrulhas são batizadas com nomes de tribos indígenas ou pontos geográficos, como morros, cachoeiras ou vales. Já à esquerda dos escoteiros, algumas crianças pequenas, mas já seguras de si. São os lobinhos, que não possuem apenas um bastão, que fica com o adulto próximo a eles. Uma mulher, na verdade. Com quase quarenta anos, ela se comporta algumas vezes como mãe e noutras como mais uma menina, a brincar com os demais. Mas isso faz parte da ludicidade do escotismo. Já o bastão ostenta uma cabeça de lobo, esculpida em madeira, e circundada de fitas de tecido colorido. É o totem dos lobinhos, com o nome de cada criança em um daqueles pedaços de pano.

Mais um gesto e os mais velhos começam a correr, passando por trás de Jorge, o adulto que emitiu o som do apito, e fazem a volta por todo o grupo, desenhando um semicírculo. Por ali passará todo o grupo, seniores, escoteiros e lobinhos. Os mais velhos correrão para formar a figura geométrica. Já os lobinhos desenharam um novo semicírculo, por dentro do primeiro. Assim que se organizam, Jorge saúda a todos com um “boa tarde!” que se repete entre as árvores do bosque em que fica a sede. De início, uma oração, feita por Juliana, uma lobinha loira, filha de uma família de confissão luterana. Ah se o padre Décio ainda estivesse no grupo! Certamente ele adoraria vê-la fazendo aquela prece e, logo em seguida, pediria a palavra para lhe rasgar elogios e propor aos demais que copiassem o jeito de ser e a disposição da menina nos próximos sábados.

Falemos sobre a vida escoteira de padre Décio. Em 1971, Bona havia trabalhado no Colégio Salesiano, sob a direção de Mansueto Três. Ele se lembra inclusive de ter sido convidado a participar do grupo escoteiro que Baron havia fundado dentro da escola. “Foi ali que minha admiração pelo escotismo aumentou, junto com minha curiosidade”, ele relembra. Logo depois, foi enviado à capital do Rio Grande do Sul, para trabalhar como diretor do Colégio Dom Bosco. Lá contribuiu na fundação de um grupo escoteiro dentro da escola, aos moldes do que aconteceu em Itajaí com o grupo escoteiro São Domingos Sávio.

Vinte anos depois, Bona regressou a Itajaí, para trabalhar no Parque Dom Bosco. E o contato com o escotismo não cessou. “Eu tinha conhecimento do Grupo Escoteiro Padre Pedro Baron, através do padre Tarcísio Luís Brasil Martins. Também tive a oportunidade de conhecer logo de início o chefe Romão, que me convidou e aceitei de bom grado atuar como assistente religioso do grupo”. O homem voltaria a morar no estado rio-grandense até o início dos anos noventa. André lembra que “o padre Décio tinha vindo morar em Itajaí novamente. Nos conhecemos e eu o convidei a vir participar do grupo. Ele relutou um pouco, mas acabou vindo. E foi deixando que ocupássemos uma sala vazia, no Parque Dom Bosco. Ficamos com a sala e fazendo atividade já no nosso terreno”. Décio recebeu a função de assistente religioso do grupo, onde deveria ajudar os jovens a cumprir as etapas

de religiosidade e valores morais. Mais do que isso, Bona auxiliava no momento das orações, sempre complicado para que algum voluntário para a prece aparecesse durante uma cerimônia escoteira.

Juliana termina a prece dizendo que agradece “por não ter chovido hoje e espero que ninguém se machuque.” A menina não sabe por que repete essa frase, mas um dia lhe será dito que é como se fosse uma espécie de tradição no grupo escoteiro. Na falta de algo pensado, essa é a frase que mais se ouviu na abertura dos encontros de sábado. Logo em seguida, dois rapazes, vão até o centro para levantar a bandeira. Sob algumas palavras, todos fazem o mesmo gesto. Apenas três dedos da mão direita ficam estendidos para encostar o lado da cabeça, próximo a testa, enquanto o polegar e o dedo mínimo ficam encolhidos. Há quem até hoje infle o peito para fazer a conhecida saudação escoteira. Já resolvida a parte de ritual, o chefe Jorge, que estava próximo à árvore, retoma a palavra e cumprimenta a todos. Fornece alguns avisos rotineiros, como a necessidade de se fazer uma limpeza do banheiro e dos cantos de patrulha, que ficam no segundo piso da sede. Ainda relembra sobre um acampamento que se avizinha para os escoteiros e seniores e que para isso, os chefes precisam checar a possibilidade de todos participarem. Alguns semblantes mudam como de imediato e já se pode perceber o clima de felicidade entre os garotos, tenha onze ou dezoito anos. Dormir em uma barraca, com amigos, sempre foi o momento mais nobre do escotismo. É quando se coloca em prática todos os ensinamentos de vários encontros. Jorge deseja uma boa atividade a todos e pergunta se algum chefe deseja falar. Como ninguém se pronuncia, ele olha para a chefe dos lobinhos, a mesma que estava segurando o totem. A mulher entende o recado e logo sai em direção à sede, correndo e gritando “lobo, lobo, lobo!”, ao que os pequenos a seguem, respondendo em uníssono: “loboooo!”

Jorge estende os dois braços, com os punhos fechados. Os rapazes e moças voltam à composição original. Já separados, os escoteiros farão suas atividades em separados dos mais velhos. O chefe chama os monitores. Rossano, da Morcego, é um menino magro, mas de corpo proporcional, que usa uma parafernália metálica nos dentes e tem o rosto com

algumas espinhas, além do cabelo escuro, liso e comprido, chegando um pouco abaixo dos ombros. Luiz parece ser o mais radical. Seus olhos se assemelham aos das aves de rapina, sempre em busca de alguma aventura ou algo que pareça quase impossível de realizar. Nos braços, já com uma leve penugem que a adolescência lhe conferiu, algumas cicatrizes pequenas denunciam seu passado. Esse é o monitor da Búfalo, a patrulha com pêlos de animais presos ao bastão. Pâmela, a única menina entre a primeira fila no momento da formação, é a monitora da Panda. Magra, de pele alva e com algumas sardas, é meiga e de raciocínio rápido. De bom humor, está sempre a conversar com os rapazes da Leão, a patrulha fundada em 1990 por Alexandre Bini e que hoje é liderada por Jean. O menino mora no bairro São Judas, distante apenas duas ruas da casa do “chefe Romão”. Seu pai já foi diretor de patrimônio do Padre Baron e isto já facilitou bastante o acesso da Leão quando era preciso fazer algum conserto nos materiais da patrulha fora do horário das atividades.

Jorge avisa para todos que dali a duas semanas haverá um acampamento para os escoteiros. O local escolhido pela chefia é o já conhecido Parque do Agricultor Gilmar Graff, no bairro rural de Itaipava, ainda nos limites de Itajaí. Apesar de apresentar uma estrutura considerada razoável pelos acampadores, começou a ser utilizada como espaço para camping há pouco mais de uma década. Há ali alguns locais ideais para se erguer as barracas, muitos sanitários disponíveis e o acesso facilitado pela modernidade do asfalto que vem como prolongamento da rodovia Antônio Heil. Na falta de condições para acampar, o grupo já teve que fazer alguns acantonamentos na sede mesmo, quando ainda se reunia no salão paroquial do bairro São Judas, na mesma rua Indaial. Naquela quadra de cimento, que hoje serve de estacionamento durante as missas, já houve uma festa para celebrar a primeira década de existência do grupo.

O ano é 1988 e o grupo vai comemorar dez anos de fundação. A comemoração, desta vez, será maior do que a missa e o coquetel oferecido em 1979, quando o grupo festejava seu primeiro ano de vida. O trabalho para que tudo esteja pronto até a noite de 11 de fevereiro é grande. A patrulha Lobo, da qual fizeram parte Denison Duarte e Carlos Eduardo Bastos,

ficou responsável por confeccionar um altar de bambu e ajudar na decoração do ambiente. “Nós passamos a tarde toda montando o altar e os tripés para os lampiões”. Mesmo com muita rusticidade, há uma caixa de som para que o padre Tarcísio use o microfone durante o culto.

À noite, os pais dos jovens se encontraram para a cerimônia. E depois das formalidades, um jantar foi servido no salão de madeira para as famílias dos jovens. Quatro grandes mesas foram postas no espaço e o que mais ficou marcado nas fotos foram os sorrisos de todos. O momento, sem dúvida, era de satisfação. Afinal de contas, manter uma associação sem caráter lucrativo e justamente no período de maior problemática da economia nacional custava caro. Todos os participantes da entidade naquele ano receberam um certificado. De aparência simples, o papel de formato sulfite e impresso nas cores verde e preto, está com a idade do grupo destacada, ao centro. O material foi impresso na Gráfica Reis, localizada até hoje nas proximidades do Parque Dom Bosco. Mais do que um certificado, ali estava o reconhecimento por cada ajuda que foi oferecida para que o grupo chegasse até aquele momento. Mas as mudanças, tão necessárias para o aperfeiçoamento, não tardariam a chegar. Com um grupo tendo apenas dez anos de existência, não era possível vislumbrar o futuro que os aguardava.



Acampamento Distrital ELO realizado no Parque do Agricultor, em Itajaí, em 2002.



Certificado entregue aos associados do grupo nas comemorações dos dez anos de fundação do grupo, em 1988.



Tropa escoteira formada sob o comando do chefe Roberto Torraca, durante atividade de sede, em 1997.





Padre Décio Bona  
em acampamento estadual  
em São Joaquim, em 1996.



Alexandre Bini, Márcio Aguiar  
e Marcelo Máximo  
em jornada para conquista  
de etapa sênior. em 1991.



Comemorações dos dez anos de  
fundação do grupo com Romão  
(à esq.) e padre Tarcísio aos  
fundos, em 1988.

# 2

## **Powell, Baron e Domingos Sávio**

É bem verdade que pouco se conhecia de Movimento Escoteiro em Itajaí. Mesmo assim, o padre Pedro queria trazer para a cidade o escotismo. Rapazes ordeiros, cumpridores de regras e cidadãos de bons costumes eram sonhos comuns aos salesianos e aos seguidores de Baden Powell. Baron já havia lido sobre os jovens de lenço no pescoço durante sua estada nas cidades de Campinas, Lavrinhas, Niterói, São Paulo, Piracicaba e Vitória, todas no estado paulista. Mas foi de sua terra natal que o italiano trouxe a vontade de expandir a filosofia do general inglês.

Powell nasceu em família humilde, órfão de pai. Foi criado pela mãe e teve que ajudá-la a sustentar os irmãos mais novos. Nada muito diferente do que o padre Pedro via na litorânea Itajaí. A saída para o inglês foi alistar-se nas forças armadas. O objetivo foi alcançado e, depois de sustentar os Powell, a ascensão militar de Robert o possibilitou conhecer vários países e continentes. Foi na África que sua vida mudaria, diriam os seus seguidores anos depois.

E de tudo isso ele se valeu para construir o movimento escoteiro. Seja ao tomar contato com a tribo Zulu e aprender seus costumes para embutí-los no escotismo ou ao chefiar uma guarnição na Guerra do Transvaal e, mesmo sem contingente, conseguir levar a Inglaterra à vitória no front na cidade africana de Mafeking, graças ao recrutamento de rapazes nativos. A vitória de Robert foi surpresa, já que a Inglaterra, ao final, perdeu para os índios *boers* em 1902. Mas foi com um acampamento na ilha inglesa de Brownsea, com filhos de



militares e um parente, que Robert pôde consolidar seus treinamentos. Seus livretos *Aids to Scouting* se tornaram venda garantida no pós-guerra, e o tornaram uma pessoa famosa, tanto por fazer o império inglês se expandir como por ensinar técnicas de exploração e militarismo de um jeito didático.

Já o padre Baron nasceu na Itália, um ano antes do início da primeira Guerra Mundial, em que seu país sofreria muito. Seguindo o fluxo da migração, ele veio para o Brasil no final de 1931, com objetivos eclesiais. Ficou no interior do estado de São Paulo por vinte e cinco anos, onde pôde conhecer e aderir à congregação salesiana e concluir seus estudos teológicos. Em 1956 foi transferido para Itajaí com a missão de dirigir o que seria o primeiro colégio ginásial da cidade. Há farta documentação nos arquivos do Colégio Salesiano que narra os passos dados pelo religioso Pedro Baron e seus confrades rumo ao progresso do estabelecimento de ensino. Pedro Baron havia ganhado notoriedade entre os salesianos por seu sucesso na implantação do Colégio Dom Bosco, na paulista Piracicaba, o que fez com que os seus superiores decidissem por sua transferência para Itajaí.

Depois de várias negociações e encontros com a classe política da cidade, em 1960 começou a ser erguido o prédio do que hoje é o Colégio Salesiano Itajaí, no entroncamento das ruas Gil Stein Ferreira e Felipe Schmidt, na região central do município. Baron também incentivou e fundou um grupo escoteiro dentro da própria escola, por gostar do que o escotismo pregava e pela semelhança na filosofia com os salesianos. Este foi o primeiro grupo escoteiro da cidade, segundo as informações e registros dos que hoje mantêm o movimento no estado. Domingos Sávio, tido por santo pelos católicos, foi escolhido para servir de nome ao novo grupo. Mais do que uma homenagem aos próprios salesianos, uma forma de lembrar aos jovens participantes da ligação entre o fundador, o santo e a congregação religiosa.

Apesar de receber o nome de batalhão escoteiro, como se pode perceber em algumas fotos guardadas no arquivo da escola, São Domingos Sávio teve a participação de vários meninos que estudavam no Ginásio Itajaí. A fundação oficial do grupo aconteceu em 2 de setembro

de 1964, segundo as anotações no verso de cada registro de imagens da época. Mesmo assim, não há qualquer documento junto ao Escritório Regional que evidencie seu vínculo à União dos Escoteiros do Brasil. É provável que isso aconteça pelo simples fato de o padre Pedro desconhecer a informação de que a unificação das instituições escoteiras tenha acontecido já em 1924. Perguntado sobre isto, o executivo regional na década de 1970, Luiz Cesar Simas Horn, afirma que “os grupos que conheci em Itajaí, em 1974, foram o Alfredo Pereira e o Soares Dutra (este sendo da modalidade do mar). Sei que existiram outros grupos antes, mas não tenho informações sobre o São Domingos Sávio e, pelo que me recordo, existiam naquele ano apenas estes dois”.

No mesmo ano Baron iniciou a obra do parque Dom Bosco, o braço social da congregação religiosa. No espaço salesiano, vários cursos eram e ainda são oferecidos para a comunidade carente vizinha ao parque. Um prédio modesto, mas com todo o conforto e carinho que os salesianos sempre apregoaram. Anos mais tarde, por observar o trabalho feito ali, a Arquidiocese de Florianópolis – braço coordenador da Igreja Católica no estado – concederia uma paróquia para ser administrada pelos salesianos, que teria como sede o bairro em que o parque estava instalado. A prefeitura da cidade também reconheceria o hábito popular de se referir a localidade como sendo “a região do Dom Bosco” e oficializou o nome do bairro batizando-o com a alcunha do fundador da congregação salesiana. Em 1969 uma praça, próximo a entrada do parque, também recebeu o nome do salesiano. Em 2001, um busto de Baron foi erguido na praça.

Mas em 1977, quando outro padre, Tarcísio Luis Brasil Martins, entrou no movimento escoteiro de Itajaí, Baron havia falecido há nove anos. Nas anotações de Martins estão os primeiros acontecimentos para a criação de um novo grupo escoteiro na cidade. São frases de um texto escrito há mais de trinta anos, mas que narram os fatos como se fossem em dias atuais. “Tive a felicidade de ser convidado a participar do Grupo Escoteiro Alfredo Pereira, que tinha sua sede no prédio fronteiro ‘a Praça da Bíblia, perto da antiga rodoviária. Com alegria me integrei no grupo, e o escotismo passou a fazer parte do meu ideal de vida”. Assim começa o relato do padre Tarcísio Luiz Brasil Martins, em um diário escoteiro que

ele mantinha. O hábito de relatar tudo o que acontecia no seu cotidiano fora herdada da congregação salesiana, que mantém o costume ainda hoje. A escrita em primeira pessoa confere o tom de personalidade ao texto e ao mesmo tempo permite que o locutor apresente os relatos a partir do seu ponto de vista, garantindo que ali está o que lhe parece ser o real. Padre Tarcísio continua, apresentando o professor Luiz Apolinário Custódio, seu companheiro de trabalho no Parque Dom Bosco e no grupo escoteiro. O Grupo Escoteiro Alfredo Pereira tinha sua sede no bairro Vila Operária até final da década de 1990, quando percorreu diversos locais da cidade e ser desativado em 2002. O fato de ambos estarem sempre juntos motivou o que parece ser uma reflexão salesiana. “Foi surgindo em nós o questionamento a respeito da não-participação dos meninos mais pobres no Escotismo e despontando a ideia de fundar um grupo escoteiro no Parque Dom Bosco, já que os meninos não tinham a coragem de participar dos outros grupos existentes na cidade”. O preconceito que se apresentava ali permaneceria durante muitos anos. Na década de 1990, o chefe André tratava de abolir o que ele chamava de “estigma de pobreza”.

### **A autorização provisória e a madrinha Ermelinda**

O uso de um livro específico para anotar todos os encontros dos chefes que faziam parte do grupo não funcionou muito bem. Há registros esparsos demais. Existe um intervalo de mais de quatro meses entre as duas primeiras reuniões tidas como oficiais. Se no primeiro momento, o padre Tarcísio registrou o encontro da chefia provisória do grupo, a escrita passaria para outras pessoas a partir da terceira mesa-redonda. O nascimento do livro que marca os encontros dos chefes do grupo escoteiro Padre Pedro Baron começa quase como se fosse uma resolução ou documento semelhante. “Considerando que o padre Apolinário, fundador do GEPB e seu atual ‘chefe de grupo’, é também chefe do grupo escoteiro Alfredo Pereira, e que não lhe seria possível acumular duas funções, todos concordaram que ele seja substituído por Emanuel Gonçalves Vianna como chefe de grupo. Este, por sua vez, aceitou com a condição de ser imediatamente substituído tão logo se encontre alguém que, tendo capacidade, esteja disposto a substituí-lo”.

O mesmo padre Tarcísio, com não mais que 27 anos de idade, registrou as primeiras reuniões para a formação do novo grupo escoteiro, sejam elas com jovens ou mesmo com os pais. Os primeiros meninos interessados se encontraram com os dois chefes no dia 3 de setembro de 1977 – às dez horas da manhã, diriam alguns textos elaborados pela diretoria quando da comemoração dos 29 anos do grupo. Naquele encontro, apesar de não haver apontamentos, imagina-se que os padres falaram sobre o movimento escoteiro, a organização das patrulhas e devem ter focado bastante na questão de valores morais que o escotismo apregoa. No oitavo dia de outubro do mesmo ano houve a primeira reunião dos pais daqueles jovens. Mesmo conhecendo pouco sobre a estrutura interna, eles se mostraram interessados em fazer parte daquela experiência de escotismo.

Pela narrativa do autor do diário, pressupõe-se que a reunião tenha acontecido em uma das salas do próprio Parque, seja pela facilidade de obter o espaço ou pela proximidade com as famílias dos jovens. Naquele sábado, bem provável que por volta das sete horas da noite, uma pequena lâmpada iluminava o ambiente. Uma sala com algumas cadeiras, dispostas em filas, além de algumas janelas com cortinas simples e monocromáticas, seriam as testemunhas inanimadas daquela discussão. Um dos assuntos que estava na pauta era a decisão do nome que este grupo teria. Certamente várias sugestões devem ter aparecido, mas comovidos pela vida, morte e obra de Pedro Baron, escolheram o nome do padre para batizar o novo grupo.

Seguindo algumas normas de redação para esse tipo de documento, as atas contam com identificação de local, horário e data da reunião e sempre aparecem com o título de “Reunião da chefia do GEPB” ou algo semelhante. O relato ainda conta que o grupo estava “funcionando pela ‘Autorização Provisória’, expedida pela Região Escoteira de Santa Catarina, em Joinville, em 15 de outubro de 1977”. Conforme as normas do movimento escoteiro brasileiro, o prazo de vigência desta concessão é de seis meses, prazo em que a chefia deveria ter alguns jovens considerados aptos para prestarem sua promessa escoteira. Isto aconteceria quatro dias antes, no mesmo Parque Dom Bosco que abrigou o grupo em vários períodos. Para dirigir as atividades do grupo neste período, Emanuel Gonzaga Viana

é eleito Chefe de Grupo no dia três de dezembro do mesmo ano. Exatamente um mês depois aconteceria uma nova reunião para compor a comissão executiva do grupo recém formado.

Em 11 de fevereiro de 1978 aconteceu a fundação oficial do grupo escoteiro Padre Pedro Baron. Mesmo sem registro em algum documento, é possível de se imaginar que na Itajaí daquela época, a presença do prefeito enobreceria o evento. Mas não há quem se lembre de Amilcar Gazaniga ter participado da solenidade. Apesar de não haver fotografias que possam ilustrar aquele momento, pode-se imaginar que algumas construções feitas com bambus e corda sisal – as típicas pioneirias escoteiras – ilustrassem o cenário. Uma mesa, com alguns lenços amarelos já enrolados e com um arganel feito em couro preso por dois ilhós, deveria estar próxima a um mastro, especialmente arrumado para a ocasião. As bandeiras da República do Brasil, do Estado de Santa Catarina e a do município de Itajaí foram solenemente hasteadas. A excitação, tanto para os oito rapazes, assim como de suas famílias, chefes e amigos presentes ao evento, deve ter feito bater forte alguns corações, glândulas sudoríparas devem ter trabalhado além do comum e deixado algumas gotas aparecerem sob os trajes cor cáqui, novos e ainda sem distintivos.

Uma das figuras que esteve presente desde antes deste momento foi Ermelinda Moser. A senhora foi a responsável por confeccionar em sua casa, os primeiros lenços amarelo-queimado, costurados à máquina. Por essa colaboração, dona Ermelinda foi escolhida como madrinha do grupo escoteiro. A mulher de estatura baixa costumava usar vestidos floridos que ela mesma produzia. O lenço é um tecido na cor amarela cortado em formato de triângulo retângulo e com duas fitas estreitas nas cores verde e vermelho que percorrem as laterais dos catetos até a borda da hipotenusa. Agostinho, fundador do grupo, se recorda da explicação para as cores escolhidas. “O amarelo ficou por conta da cor [da bandeira] do município e o verde e vermelho são as cores da bandeira do estado. Claro que teve uma influência por causa do lenço do Alfredo Pereira, mas fomos nós que escolhemos”. Apenas o amarelo do novo símbolo se distinguia do lenço do grupo citado por Agostinho, onde o branco predominava.

Nos registros do escritório Estadual de Santa Catarina está guardado um ofício confeccionado à máquina de escrever. O documento sem data apenas convida o Comissário Regional, uma espécie de presidente estadual, a participar da solenidade de fundação do Grupo Escoteiro Padre Baron, que aconteceria no meio da tarde do dia 11 de fevereiro daquele ano. O local escolhido foi o mesmo que abrigou o grupo por alguns anos, o Parque Dom Bosco. A assinatura do chefe de grupo Emanuel Gonçalves Viana encerra o documento.

Fizeram sua promessa neste primeiro momento os jovens Agostinho Cláudio Bernardes, Avelino Francisco Cardozo, Carlos Roberto da Luz, Célio Antonio Vinotti, Hélio Rebello, José Carlos Bernardes, Juarez da Silva Joaquim e Mauricio de Senna. Na noite anterior, eles participaram de um fogo de conselho. Um dos momentos mais mágicos em uma atividade escoteira, certamente deve ter sido emocionante para estes oito meninos. Além de afirmarem publicamente no dia seguinte seu desejo de fazer parte do mesmo movimento que já era “febre” na Europa, estavam escrevendo história como sendo os fundadores daquele grupo escoteiro. A fórmula ainda é a mesma, com pequenas encenações teatrais e algumas canções tipicamente escoteiras e uma reflexão, conduzida em geral pelo chefe mais antigo do grupo, para arrematar a noite. Imagina-se que o responsável pelo chamado “minuto do chefe” tenha sido o próprio padre Apolinário, e que ele tenha falado algo sobre a fundação do escotismo e os ideais de Baden Powell. Ou quem sabe tenha divagado a respeito de valores como honra e compromisso com a sociedade que aqueles rapazes estavam por assumir no alvorecer do dia seguinte.

É bem provável que alguns deles tenham ficado emocionados, quiçá derramado algumas lágrimas. Mas até hoje há quem chore ao redor de uma fogueira, de mãos dadas com outros escoteiros. “Eu mesmo já chorei muito e em vários acampamentos. No ramo lobinho o que mais me lembro é um no sítio do Milinha. Estávamos eu e a Lilian, onde usamos como mística as lendas brasileiras. Foi um acampamento perfeito. Já com os escoteiros foi uma atividade noturna, o que eu adorava fazer. Foi ali nos Espinheiros. Fantástico também foi

um ali na ilha de Porto Belo com o ramo sênior, que depois se transformou numa atividade nacional. Simulamos um naufrágio e foi maravilhoso”, conta André. Milinha é Odemar Muller, dono de uma distribuidora de alimentos tradicional na cidade. Acredita-se que a amizade dele com os escoteiros se deve ao fato de ele e diversos participantes do Padre Baron terem feito parte de vários grupos de serviços, como o Rotary e o Lions Clube.

### **As amizades que o escotismo permite**

Amizades. O escotismo sempre seguiu em frente, pelos seus mais de cem anos, graças a este sentimento. As adversidades fizeram com que estranhos se aproximassem ou amigos tomassem rumos diferentes. Marcelo e Alexandre se conheceram assim e ambos têm alegria em ter batizado o filho do outro. Marcelo foi ainda mais longe. “Era garoto, tinha meus 18, 19 anos e conheci uma garota do (grupo escoteiro) Lauro Muller. A gente ficava de vez em quando, às escondidas dos chefes, e passamos a namorar. Hoje a Adriana é minha mulher”.

Também foi por conta disso que os rapazes que frequentavam o ramo sênior naquela década de noventa aprenderam a dirigir. “Valter era dono de um Monza azul escuro e foi ali que a gente aprendeu a dirigir”, relembra Alexandre. Até parece combinação, mas no mesmo período que Valter Néis comprava seu carro, Fernando adquiriu outro modelo, um Chevette. Um deles foi Silvio, que se lembra de outras histórias, como a participação do próprio pai para montar a caixa de patrulha. Este objeto é simples, mas fundamental para garantir um pouco de conforto para os jovens durante um acampamento. Com menos de um metro de comprimento e metade disso em largura e altura, a caixa tem diversas versões: algumas com pés móveis, outras com tampas em dobradiças e ainda aquelas com divisórias e alças para carregar facões e machadinhas entre os fogareiros e panelas. Isso sem falar no rateio da alimentação para os acampamentos, o que vem de longa data. Remete a condição precária das famílias em arcar com todos os gastos para as refeições dos jovens enquanto estivessem fora de casa. É de se convir que cada um levar duas xícaras de arroz para um final de semana é mais fácil e menos arriscado do que imputar um quilo de alimento para

apenas uma pessoa. Todos que já foram escoteiros no grupo Padre Baron se lembram de pelo menos uma vez em que o cardápio precisou ser alterado de última hora, justamente por que aquele escoteiro não veio para o acampamento e deixou a todos em maus lençóis.

As boas histórias também ficam gravadas na mente. Uma delas foi a visita do papa João Paulo II ao Brasil, em meados do mês de outubro de 1991. Organizados pelo padre Décio, os escoteiros do Padre Baron ajudaram na recepção e segurança do pontífice na capital de Santa Catarina. Era a primeira vez que o mais alto cargo da Igreja Católica visitava o estado e o reconhecimento dos escoteiros como uma instituição séria e respeitada pela sociedade fez o Vaticano aprovar a participação dos jovens naqueles dias. Silvio se recorda “da emoção que senti ao ver o papa passar pela minha frente, naquele carro branco. Ele tinha vindo do aeroporto e ia dormir em um colégio de Florianópolis. A gente ficava lá fazendo aquele cordão humano se segurando uns nos outros pelos braços”. Enquanto isso, milhares de pessoas se reuniam nas ruas, acenando a bandeira brasileira que havia sido distribuída pela arquidiocese local. Naqueles momentos de devoção pela imagem que aquele velhinho de cajado representava, é fácil acreditar que algum escoteiro tenha contido uma lágrima ou mesmo chorado às escondidas dos amigos.

Outra boa recordação é guardada por Rossano e Cleide, quando eles fizeram uma viagem, em 2001, até a cidade de Foz do Iguaçu, na fronteira com o Paraguai. Lá, acamparam com mais de oito mil pessoas que vieram de trinta países. Rossano fica empolgado ao reviver aqueles cinco dias de dezembro e acaba lembrando que “foi um acampamento inesquecível, com muitas culturas, muita gente e um aprendizado muito grande!”. Também pudera, eles estiveram em um evento chamado Jamboree Panamericano, numa alusão a expressão que os índios zulus utilizavam para falar de encontro de tribos. Foi Baden Powell quem, mais uma vez, trouxe a cultura africana para o escotismo.

Já que o assunto é acampamentos, um dos que mais marcou a rotina escoteira dos participantes do Padre Baron foi o que aconteceu em 1996 na cidade serrana de São Joaquim. Os vários dias enfrentando a chuva e as temperaturas que, apesar de baixas, não



chegavam a solidificar a leve garoa que sempre caía, provocaram um verdadeiro pandemônio quando o volume de chuva se intensificou. Querendo narrar a situação e descrever o momento e as sensações, padre Décio ficou contando para todos, nos dias que se seguiram ao acampamento estadual. “Nós estávamos acampados no Parque da Maçã e era prevista uma nevasca emocional e turística. Todo mundo com a imaginação a mil, muita expectativa e cheios de agasalhos coloridos e muitos rolos de filme fotográfico nas mochilas. Finalmente as barracas armadas por baixo dos altos pinheirais da serra e por cima de nós, só a chuva. E era muita. Às 21h, a nova previsão meteorológica e um novo comando da organização: ‘Assim que parar a chuva deve-se formar a neve, mas os galhos das araucárias não vão aguentar o peso da neve’”.

A sequência de fatos aconteceu de forma muito rápida, mais por segurança do que por disposição dos garotos e garotas. Os chefes que controlavam todas as atividades ordenaram que as barracas fossem desmontadas e todos se mudassem para os galpões que existiam no centro do parque. Mas o som de centenas de pessoas confinadas em um espaço como aquele e excitadas com a possibilidade de ver o fenômeno pela primeira vez na vida era ensurdecedor. “Estávamos como sardinhas dentro do galpão. E aquele barulho da forte chuva no telhado de zinco, que já era alto, ficou pior quando uma calha d’água rompeu por dentro do salão. O jeito foi levar as roupas pra secar em casa, mas a neve ficou na mente dos escoteiros”.

André, que estava no mesmo acampamento, cita outro momento como sendo o que mais lhe marcou. Para ele, o que ficou gravado na memória foi o estado de desorganização aparente em que o grupo estava quando ali chegou. “Eu me lembro que assumi a presidência num sábado e havia um acampamento na semana seguinte. A situação era deplorável, com falta de organização, de estrutura e todo mundo indo espremido em carros e kombis. Quando nós voltamos, eu decidi que isso ia ter que acabar.” A maior parte das pessoas se dizia sem condições de arcar com os custos para alugar um ônibus que fosse, mas pelas contas do jovem presidente, seria um valor baixo para cada pessoa. “Na época, o aluguel do ônibus saía aproximadamente R\$1,50 ‘por cabeça’, um dinheiro perfeitamente plausível pra todo

mundo. Mas como todos já estavam acomodados, ninguém se movimentava para melhorar a situação. Começamos a mudar isso.”

Das pessoas que compartilharam várias dessas histórias, André ainda mantém contato com a maioria. Assim é com Valter, vizinho de apartamento, ou Lilian e Renato, que continuam casados e estão voltando a morar em Itajaí, ou ainda Mauro Ballester, com quem conversa diariamente. De outros, sabe apenas o rumo que tomaram na época e nunca mais ouviu falar. Foi o que aconteceu com Romão, de quem recorda o endereço até hoje, ou Letícia, a gaúcha que foi morar em Curitiba para tratar da própria saúde. Mauro aposentou-se da empresa Quaker, de onde ajudou através de contatos com vários empresários, e agora mantém uma empresa de refrigeração na mesma cidade. Já Fernando reside na mesma cidade de Letícia e “volta e meia nos falamos, seja por telefone ou e-mails”. Luiz Córdova hoje tem uma empresa de eletrodos e Márcia, que foi chefe de lobinhos, é dona de uma pizzaria na Avenida Beira-rio.

Mas a memória dos jovens parece ser muito mais forte neste assunto. Montar uma cobertura usando apenas bambu e corda sisal parece algo complicado se você não for escoteiro. Mas em matéria de construções rústicas, ou apenas pioneiras, o Padre Baron sempre pareceu bastante competente. E não são apenas os próprios participantes do grupo que reconhecem isso. Eduardo Wetzstein lembra que “ainda era do Alfredo Pereira, mas em um acampamento o Padre Baron estava com tudo. O grupo teve as três melhores patrulhas de todo o campo e ali mostraram que realmente eram os mais preparados”. A justificativa é de que no terreno do antigo autódromo Vale das Cobras, em Camboriú, “o chão era muito duro e ninguém conseguia levantar o toldo, mas logo chegam as patrulhas do Padre Baron. Eles levantam com a maior facilidade, usando tripés de bambu. Todos ficaram de cara, largaram as escavadeiras e fizeram o mesmo. Em tudo eles estavam na frente, desde a montagem de campo até as atividades de trilha”.



Padre Pedro Baron (à dir.) e autoridades locais recebem em Itajaí o sucessor de Dom Bosco, Renato Ziggotti, em 1957.



Escoteiro realiza sua promessa durante fundação do Grupo S. Domingos Sávio, no pátio do Colégio Salesiano Itajaí, em 1967.



Cerimônia de promessa dos oito primeiros escoteiros e fundação do grupo escoteiro Padre Baron, em 1978.



Pista de trenó montada por jovens do grupo escoteiro em acampamento estadual na cidade de São Joaquim, em 1996.



Ermelinda Moser, recebe homenagem durante as comemorações de dez anos de fundação do grupo. em 1988.



Valter Neis, chefe sênior, e os jovens Marcelo Máximo, Alexandre Bini e outros seniores em São Joaquim. 1996.

# 3

## **Uma eleição para não fechar**

Ainda sob a caligrafia do padre Tarcísio, a segunda reunião da chefia do grupo está devidamente registrada. Aconteceu no dia 8 de abril de 1978, numa das salas do Parque Dom Bosco. Às 16h30, estava sentado a uma mesa o chefe de grupo, Marcos Cesar Gonzaga Lima, e junto com ele, Luiz Rodolfo Gonzaga Dutra e Silva, chefe de tropa escoteira, o seu assistente Saulo Beling, além do anfitrião e assistente religioso, o padre Tarcísio Luiz Brasil Martins. O encontro, apesar de ser rotineiro, trouxe resoluções importantes, como a reorganização da hierarquia (apesar de não haver registro do formato anterior, já aparece reformulada no início da ata, dando a impressão de que o documento foi escrito posterior ao encontro). Também coube àqueles presentes tomar algumas outras definições ou apenas palavras vagas. “Dever-se-á pensar no melhor modo de adquirir o material necessário para que o grupo possa acampar”.

Pelo teor do texto que está guardado em um livro de capa preta, já envelhecida (afinal, lá se vão mais de trinta anos), o encontro foi proveitoso e acabou por render o agendamento de novas promessas, reuniões e tarefas administrativas. Mesmo sendo início do quarto mês, o registro anual dos associados ainda não havia sido enviado ao escritório estadual, com sede em Joinville. Mais uma tarefa a realizar, mas cujos arquivos não foram localizados para confirmar se fora executada na sequência e com sucesso. Há apenas uma anotação em um dos cadernos mantidos pelo padre Tarcísio onde consta uma anotação, informando que no dia quinze de julho de 1978 houve uma “solenidade da promessa escoteira dos jovens: Antonio Ferraz Heinz, Dárcio Romão do Amaral, Edemilso Porto, Ingomar Espleter, João

Fernando da Rosa, João Luiz Denegredo, Jonas Danna e Jose Francisco do Amaral”. O segundo nome listado é um dos filhos de Romão, que se tornaria em poucos anos um dos pilares do grupo. Pelos apontamentos do jovem escotista, o ritual foi o mesmo seguido pelos primeiros escoteiros, poucos meses antes.

A grande alteração na quantidade de associados sempre chamou a atenção, não só no Padre Baron, mas em todos os grupos escoteiros da cidade e do país. Em alguns momentos áureos, a diretoria contabilizou mais de 110 pessoas associadas e frequentando os encontros aos sábados à tarde. Mas em outros dias, não mais do que trinta pessoas estavam reunidas.

Mesmo assim, na década de 1980 havia um hábito muito peculiar no Padre Baron que era o de engomar os lenços para que ficassem mais bonitos visualmente. A arte de passar goma no tecido é caseira e as mães daqueles escoteiros ainda hoje repetem a receita de cabeça. Basta dissolver uma colher de amido de milho em um litro de água ainda quente e depois emergir o lenço ainda molhado. Em seguida, estender para que seque e está pronto. Quando enrolado, o lenço escoteiro estará com as pernas em forma de canudo e o triângulo que fica sob a nuca também deixará à mostra a flor-de-lis que o Padre Baron ostenta.

Sobre a baixa frequência no grupo, Marcelo se recorda de um ano, em especial. Em 1989, a memória do jovem registrou pouco mais de 15 escoteiros e mais uns dez lobinhos, todos dispersos, jogando futebol ou brincando sem nenhum objetivo, quando o grupo ainda se reunia nos fundos do Salão Paroquial do bairro São Judas. “A época era muito ruim, faltavam chefes, faltavam escoteiros, faltava tudo. Quem chefiava o grupo era o Romão e mais a família dele”, lembra Marcelo. Foi exatamente por falta de adultos e de tino administrativo nos poucos que estavam no grupo que outras pessoas vieram para o grupo escoteiro Padre Baron.

Apesar de Luiz Cesar Horn, então executivo regional, afirmar que não se recorda de alguma correspondência oficializando a ameaça de fechamento do grupo, Marcelo e Bini afirmam que houve essa tentativa por parte da União dos Escoteiros do Brasil. “Nunca soube que o

Padre Baron tenha recebido alguma ameaça de fechamento. Eu estava ligado à Direção Regional no final dos anos 80 e jamais soube que existisse, na Região Escoteira, qualquer tipo de advertência”. Mas o contraponto vem de quem fez parte do grupo, no mesmo período. Bini disse que “a mudança de vários chefes para o Padre Baron foi motivada pelo fato de que o grupo estava em vias de ser fechado pela direção regional, por total falta de chefia e infraestrutura”. É o próprio Alexandre quem conta o que se seguiu depois que André, Valter, Fernando e a família Bini entrou. “A partir daí, o grupo começou a ser reestruturado, com nova eleição para presidente, que na ocasião era o chefe Romão”.

A respeito da nova trupe, há registro nos livros do grupo. Um encontro com os pais dos jovens aconteceu no salão paroquial da igreja do bairro São Judas. Era 15 de setembro de 1990 e a situação financeira do grupo era ainda mais preocupante. O governo federal impunha sucessivos planos econômicos à sociedade, em consequência das taxas de inflação altíssimas. Mas a realidade local, onde muitas famílias ainda não tinham se recuperado totalmente das enchentes sofridas há alguns anos, preocupava os dirigentes. O encontro dos pais aconteceu para eleger a nova comissão executiva do grupo. Esta foi a primeira vez que, depois de vários anos, foi escolhida para chefiar o grupo uma nova pessoa, quebrando assim o ciclo do chefe Romão. Mesmo depois de sair do movimento, essa qualificação o acompanharia para o resto da vida e quem o conheceu assim, não dissociava mais a pessoa do escotista, assim como aconteceu com seu sucessor. André Luiz Pimentel Leite da Silva, vindo de outro grupo escoteiro da cidade, se dispôs a melhorar a estrutura e a reorganizar o que existia até então. Há quem diga que algumas ações foram praticadas em harmonia entre eles, como a obtenção do terreno que serviria mais tarde como sede própria do padre Baron.

### **Romão é questionado**

Quando André assumiu o cargo de chefe de grupo, os pais dos jovens ficaram divididos. Alguns apoiaram a mudança por achar que Romão já estava com métodos antiquados e que o grupo precisava de uma reoxigenação, representada pelo novo chefe. Já outros acreditavam que os períodos difíceis provaram que a liderança de Romão era a mais

acertada ainda. Um deles era o pai do jovem Gilderson, que se “estranhou” com André no início, mas com o passar do tempo foi mudando de opinião. Sobre as parcerias importantes, André se lembra até hoje de Ralf Wetzstein, “sempre ajudando por detrás das cortinas, nos bastidores” e de três pessoas importantes para a construção da sede. Carlinhos, Aroldo e Sabino foram homens que trabalharam na administração do grupo assim como João Souza e Silva, em 1983. Em comum, o fato de que todos eles tinham filho no grupo escoteiro.

A participação de João ainda ficaria registrada quando o grupo manteria uma intensa conversação com o Escritório Regional. Mas esta seria uma das últimas ações do advogado como presidente da comissão executiva – uma espécie de administração daquele grupo escoteiro. Em 20 de março, ele apresentou um pedido de renúncia do cargo. A alegação foi falta de tempo para administrar melhor o grupo escoteiro. Em papel timbrado pelo próprio escritório de advocacia, Silva (ou provavelmente sua secretária) datilografou a correspondência.

Em 1983 o grupo precisou se mudar, saindo pela primeira vez do Parque Dom Bosco, local de nascedouro daquele grupo escoteiro. O destino foi a igreja do bairro São Judas. Mas esta seria apenas a primeira de muitas mudanças. Com um clima de incertezas sobre o destino do grupo e para animar os participantes, já que o grupo havia completado cinco anos de fundação, a diretoria resolve organizar uma festa junina. Houve até mesmo um pedido e uma autorização, expedida pelo Escritório Regional. Em um final de semana, alguns festejos, barracas típicas, pinhão, pipoca e bandeirolas coloridas decoraram as áreas próximas a quadra de esportes. Tudo fora feito de uma maneira simples, rudimentar, mas com um toque escoteiro. Evidências não há, mas pressupõe-se, pelas festas que se organiza até hoje, que alguns bambus devem ter sido utilizados nos dias 09 e 10 de julho, além de algumas brincadeiras para os menores. Infelizmente, o clima não contribuiu e um grande volume de água caía sobre a região naqueles dias.

As águas desceram pelo leito do rio Itajaí-açú no início da semana seguinte e arrasaram as cidades no Médio e Baixo Vale de mesmo nome do litoral catarinense. A situação que só se



repetiria em 2008, deixou suas marcas por muito tempo em Itajaí. Poucos moradores do bairro São João que não sofreu com a força da natureza tomando-lhe a casa. Outras pessoas que no passado fizeram parte do grupo escoteiro não tiveram a mesma sorte e acabaram perdendo mobílias, roupas, documentos e empregos, já que o porto da cidade foi parcialmente destruído. Na enchente mais recente, a água veio pelo braço mais novo do rio Itajaí Mirim, destruindo principalmente os bairros mais novos e populosos da cidade, como Cidade Nova, São Vicente e Cordeiros. Mas em 1983, quase a totalidade da cidade ficou coberta de água, inclusive destruindo parte do material do grupo escoteiro que estava armazenado nas salas do bairro São Judas.

Os ânimos ficaram ainda mais exaltados por conta da enchente que assolou a cidade, assim como o Vale do Itajaí. Parênteses para as enchentes. Até 1983, Itajaí sofreu por diversas vezes com a invasão das águas em residências e comércios. Há registros de imagens no arquivo público da cidade nos anos de 1948 e 1961, quando o rio Itajaí-Açú ocupou as ruas, principalmente na região central da cidade.

Quem escreveu a respeito deste assunto foi o historiador Edson D'Ávila, que aponta as enchentes ocorridas na cidade nos anos de 1855, 1880 e 1911. Ele afirma que Itajaí sofreu mais com a segunda de sua relação. O jornal Novidades, em sua edição de 21 de setembro daquele ano, conta que o temporal durou três dias, mas foi depois que as chuvas cessaram que a tragédia piorou. O rio Itajaí Mirim avançou em direção ao bairro Vila Operária, tornando a rua Brusque seu leito. Em seis dias de cheias, a cidade teve marcas profundas, com crateras de até seis metros de profundidade e dezenas de casas destruídas.

Já em julho de 1983, toda a região sofreu com as águas que desceram pelo rio Itajaí-açú. Na manhã daquele sábado, 9, o rio atingiu 15,34 metros em Blumenau e em Gaspar a medição oficial registrou a marca de 11 metros. Não só Itajaí, mas várias cidades ficaram isoladas por vários dias. Todo o comércio, o abastecimento de alimentos, transporte, saúde pública e policiamento. Tudo ficou parado. Aos escoteiros restou contribuir com o que era possível. Houve a doação de alimentos e agasalhos, vindos das empresas Metal Leve S/A (de São

Paulo) e Cia. Docas de Imbituba (sul do estado), para 364 famílias atingidas pelas águas. Meio milhão de litros de água e outros mil de leite foram distribuídos em vários postos de atendimento, espalhados pela cidade. Inclusive o galpão da igreja do bairro, onde estava sediado o grupo escoteiro, foi transformado em posto de atendimento às vítimas. Nestes mesmos pontos, coube também aos escoteiros entreter os mais jovens, para que a espera pela diminuição do nível das águas não parecer parecesse tão longa. Quando isso aconteceu, a impressão que se tinha é que tudo havia sido alterado de lugar. A lama dominava. As roupas, estragadas, eram lavadas à mão pelas donas de casa, na medida da capacidade de esforço. Um grande sentimento de desolação percorria os bairros mais populosos, justamente onde a água mais provocou estragos. O cheiro nas ruas da cidade não era só de lama e sujeira, mas um odor de que tudo foi destruído e seria preciso muita força para recolocar tudo em ordem, os móveis, as roupas, a vida.

Os dias 18 e 19 de agosto de 1983 certamente foram tensos para quem estava no comando do grupo escoteiro Padre Baron. Sob aquele clima de incertezas meteorológicas, os revoltosos organizaram um pedido de demissão em massa e formularam até mesmo uma correspondência, com quatro páginas e um rol de motivos que os levaram a tomar esta atitude. No primeiro dia, dez pessoas se reuniram e assinaram em duas vias o documento de quatro páginas, datilografadas caprichosamente. Acusavam o chefe Romão, na qualidade de chefe de grupo, pela desarmonia e despreparo dos demais adultos que realizavam atividades com as crianças e jovens.

A entrega do documento, no dia 19 de agosto, aconteceu durante a reunião da diretoria do grupo, que fora convocada exclusivamente para isto. O representante do Escritório Regional, Luiz Carlos Pamplona, foi chamado a participar da reunião e receber uma cópia da carta, que está até hoje arquivada em Joinville. A reação de vários chefes, assim como de alguns pais, foi rápida. Saíram em defesa do chefe de grupo e apontaram algumas falhas deixadas no texto e onde havia ingerência da diretoria também. Alguns deles não admitiram o questionamento sobre a falta de treinamento ou o desenvolvimento de atividades que a comissão executiva classificava como “imprópria e negligente”.

Um dos defensores de Romão foi o chefe João Aurélio Machado, que pediu uma análise pontual sobre cada item. A reunião, ao que indica o relato, foi tumultuada e demorada. Por fim, o pedido foi aceito e um novo encontro marcado para recompor a diretoria. Mas a liderança de Romão começava a ser questionada publicamente. O homem que hoje é um funcionário terceirizado da Prefeitura de Itajaí e responsável pela manutenção de semáforos na cidade, percebeu uma luz amarela se acender.

Meses antes de toda esta divergência, as conversas pareciam mais tranquilas. Pelo menos é o que se deduz lendo os registros das reuniões. No terceiro encontro dos escotistas – ou adultos responsáveis pela educação dos jovens – que aconteceu em 27 de junho de 1983, a casa do chefe Romão do Amaral serviu para sediar o encontro, que começou, segundo os documentos, por volta de oito e meia da noite. Ficou ali discutido que o grupo estaria apto a participar, pela primeira vez, de um acampamento de maior porte como o que aconteceria duas semanas depois na sede recreativa da tradicional sociedade Guarani. Apesar de o clube estar incrustado no coração da cidade, seu endereço para atividades campestres ficava no final de uma rua do bairro Praia Brava, chamada Luci Canziani, onde hoje está implantada uma pista de kart desativada. Até mesmo duas chefes do ramo lobinho foram autorizadas a participar da atividade, ato comum até hoje, já que, em geral, há menos adultos do que o necessário em cada ramo. Para solucionar esta equação é preciso haver outros adultos que abram mão de um final de semana e pratiquem a fraternidade que o movimento apregoa.

O encontro seguinte foi registrado no mês de agosto do mesmo ano, exatamente no dia interamericano do escotista. Tudo bem que a data remeta a 1920, quando Baden-Powell foi aclamado, por uma manifestação espontânea de milhares de jovens de dezenas de países, como Chefe Escoteiro do Mundo, ao final do primeiro Jamboree Mundial, na região da inglesa cidade de Londres. Mas pelo que se pôde perceber, aquela reunião no fim de tarde de sábado foi para debater alguns temas mais pontuais. Estavam na pauta: o desfile cívico no mês de setembro, a necessidade de organizar uma segunda alcateia, a necessidade de

cópias ampliadas das imagens do padre Pedro Baron e de Baden Powell assim como de uma nova bandeira do Estado.

### **Escoteiros do mar, Décio Bona e as mulheres no poder**

Em 1982, uma nova discussão entre a diretoria. Graças a algumas conversas com a Capitania dos Portos, que oferece verba para ajudar na manutenção do grupo escoteiro, há várias reuniões com os pais para verificar a opinião dos associados a respeito da alteração de nome e de modalidade. Há um documento que confirma a existência de um encontro dos pais para decidir sobre o assunto, em 9 de outubro, no Parque Dom Bosco. Na prática, o grupo passaria a ser chamado de Grupo Escoteiro “do Mar” Padre Pedro Baron e teria que, entre as suas atividades, incluir os aprendizados relacionados aos escoteiros do mar, que possuem uniforme diferente e práticas a mais em relação aos escoteiros da modalidade “básica” ou “de terra”. A curiosidade dos pais ficou sobre a espécie de apoio que seria fornecido. O presidente da comissão executiva da época, João Souza e Silva, explicou que haveria uma contribuição financeira e a disponibilização de “um ajudante para o ensino das atividades do mar”. Ao fim do encontro, as 24 pessoas que lá estavam aprovaram a mudança. Depois de uma hora e vinte de conversa, o encerramento e a escrita da ata, assinada tão somente pela secretária Janice Maria de Souza.

Um mês e meio depois, uma correspondência foi enviada para o Escritório Regional. De forma muito sucinta, a carta assinada por Romão do Amaral, então chefe de grupo, faz um pedido para alterar oficialmente os registros da associação, informando que a intenção era apresentar publicamente as novidades durante as comemorações de cinco anos de fundação do grupo escoteiro. Em despacho, escrito no verso, e apenas rubricado, o profissional pago pelos escoteiros catarinenses dá seu parecer. “Aprovo a alteração. Informar à Direção Nacional e ao Comissário Nacional do Mar. 26/11/82”.

Rapidamente a resposta também chega ao grupo, através de uma carta. Apesar de extenso, o texto da correspondência afirma, de maneira geral, que está aprovado o pedido. Algumas

instruções, principalmente no que se refere ao registro dos associados e à nova nomenclatura para o ano seguinte, estão expressas no ofício 183/82, expedido no dia 30 novembro do mesmo ano.

Mas o sonho de fazer com o que o Grupo Escoteiro Padre Baron tivesse grandes mudanças acabou em poucos dias. No dia 18 de dezembro, uma nova carta, assinada por João Souza e Silva, informa ao Escritório Regional sobre a desistência da Capitania dos Portos em contribuir financeiramente com a associação. “Lamentavelmente, hoje recebemos verbalmente a informação do comandante da Capitania dos Portos, de que por ordens recebidas de Brasília, devido ao corte de verbas, a transformação não mais seria possível.” Há, no verso da cópia arquivada no Escritório Regional, alguns comentários a respeito de todo o ocorrido. “Me pergunto se esse pessoal não estava mais interessado nas verbas do que no desenvolvimento da modalidade em si. Vamos deixar como estava. C.R. [Comissário Regional]. 22/12/82”. Fim de conversa.

No final do ano de 1983, o grupo dá demonstrações de estar mais fortalecido. Tendo vários familiares trabalhando de forma voluntária no grupo escoteiro e com mais crianças do que a capacidade permitida, Romão do Amaral solicita ao Escritório Regional autorização para abrir a segunda turma de lobinhos. O pedido, feito em 26 de outubro, foi respondido positivamente em apenas uma semana. Para comandá-la foi escolhida aquela que era assistente até então. Dayse Mari de Oliveira ficou auxiliando Maria Rosemari do Amaral, filha de Romão, enquanto Iraci de Oliveira foi singrar novos mares dentro do grupo Padre Baron.

Provavelmente, algo semelhante aconteceu com Lilian, que em 1992 foi chefiar uma recém formada tropa de escoteiras. Mesmo não sendo algo recente em todo o escotismo brasileiro, eram poucas as garotas que se propunham a participar das atividades mais radicais junto com os meninos. A abertura da tropa feminina no grupo havia sido aprovada pelos pais, ainda em maio do ano anterior, “por unanimidade”, conforme relatam os documentos da

época. A solicitação formal foi feita nos dias finais de março daquele ano, quando o presidente André solicitou a nomeação da mulher.

Lilian era até então chefe no ramo lobinho, cargo que foi ocupado pela gaúcha Letícia Cezar da Silva, por pouco tempo. Ela saiu em 1994, para realizar um tratamento de saúde. Possuidora da Insígnia da Madeira, mais alto nível de adestramento para um adulto no movimento escoteiro, André exalta a capacidade de Letícia em ensinar e querer permanecer como formadora, caso as organizações escoteiras assim o quisessem. O ofício, datado em 5 de abril daquele ano, não foi o único a ser emitido pelo Grupo.

Guardado na sede do Escritório Regional, numa pequena rua calçada com pedra brita do bairro Atiradores, em Joinville, repousam outras partes da história do Padre Baron. Um armário de ferro, com duas portas que medem pouco mais de cinquenta centímetros cada, há gavetas com várias pastas de papelão marrom. Cada uma possui uma identificação no alto, em que está datilografado o nome de cada grupo escoteiro. Na pasta em que aparece 03/SC, o numeral do Padre Baron, há outro documento que conta a saída de Fernando Dias. Os dois ofícios contam com o endereço residencial de cada um deles na época, além de numeração de documentos e o cargo que ocupavam – Letícia era chefe da alcateia, no ramo Lobinho, e Fernando comandava a tropa de escoteiros. Ambos foram recebidos pelo Escritório Regional no dia 28 de abril de 1994 e encaminhados para exoneração, conforme pedia o presidente André. Uma página na história do Padre Baron era virada para que outra fosse escrita. Tantos Fernandos e Letícias por ali passaram e deixaram suas marcas, antes e depois deles.

Sobre a chefe Lilian, muitas marcas ficaram em quem foi escoteiro sob seu comando. A mulher de fibra que impressionava pela rigidez com que dirigias as atividades no Padre Baron sempre soube onde queria chegar. “Ela gostava de manter tudo certinho e tentava manter todo mundo em ordem, apesar de não ser nada fácil”, lembra Rossano. Os cabelos curtos e acobreados, assim como a ojeriza a utilizar um apito no pescoço eram o diferencial de Lilian. A mãe que havia entrado no grupo para acompanhar as atividades do filho

Alexandre ainda em outro grupo escoteiro e acabou entrando de vez quando toda a família se mudou para o Padre Baron. Com a saída de Fernando, ela se transferiu do ramo lobinho para cuidar dos mais velhos. Auxiliada durante algum tempo por vários homens, Lilian acabou se destacando em todo o distrito como uma chefe rigorosa, mas eficiente. Evidente que algumas brincadeiras passavam despercebidas e que isso causava uma sensação gostosa entre os garotos e garotas adolescentes. Um detalhe simples que a mulher deixou em seus escoteiros foi a fibra e a persistência. “Com ela sempre foi assim, se aprendeu tem que saber fazer”, recorda Rodrigo. Depois de ser coordenadora da microrregião escoteira, Lilian se distanciou do escotismo para singrar novos mares profissionais.

As marcas deixadas por ela na personalidade dos escoteiros ficaram latentes, assim como foi com padre Décio Bona, salesiano tal qual Pedro Baron. O homem que hoje está na direção de um colégio salesiano no Rio Grande do Sul, se recorda de uma turma de escoteiros que queriam receber o sacramento católico da crisma. Mas havia um empecilho a ser ultrapassado. “Por coincidir com o horário das atividades escoteiras, aos sábados, teriam que optar por uma, renunciando a outra”. Houve algumas conversas com a Paróquia Dom Bosco e a turma de seis jovens passou a se reunir nas noites de quarta-feira. Inicialmente, era o próprio padre quem ministrava os encontros, mas com uma viagem à italiana Roma para estudar por três anos, o coordenador da equipe de crisma assumiu seu lugar. “Para minha alegria, recebi mais tarde, em Roma, o comunicado do catequista dizendo que os escoteiros tinham sido destaque especial nas atividades conclusivas para a crisma e que após o sacramento, alguns deles assumiram fazer parte do grupo de catequistas e da equipe litúrgica da paróquia”, rememora o padre.



Imagem aérea do Colégio Salesiano Itajai e arredores durante a enchente que assolou a cidade, em 1983.



Transporte comum para viagem aos acampamentos até André Pimentel ser eleito presidente do grupo, na década de 1980.



Em frente as salas cedidas no Asilo Dom Bosco, Décio (à dir.), André, Lilian e as primeiras escoteiras do grupo. em 1994.





Alcateia formada em frente as duas salas cedidas no salão paroquial do bairro São Judas, na década de 1980.



Grupo recebe visita do padre Tarcísio Brasil Martins durante atividade no Asilo Dom Bosco, na década de 1980.



Novo mastro instalado no pátio do parque Dom Bosco para uso dos escoteiros em 1992.

# 4

## **Pedra de granito, pé-de-silva e a grande obra**

Hoje há uma sede aconchegante e espaço suficiente para as atividades, afinal de contas, há uma casa para agrupar todo o material e servir de referência para todos. Mas os dois andares da sede não foram erguidos com facilidade. Assim como uma família sofria para construir uma casa própria, na década de 1990, o grupo escoteiro precisou guardar muito dinheiro e contar com vários colaboradores até que a sede tivesse o formato que tem hoje. Entre as muitas ajudas que receberam, Marcelo Máximo se recorda de uma passagem marcante para quem era adolescente naquela época e morava a poucas quadras da sede, no mesmo bairro. “Em 1986 o Mauro Machado era vereador na cidade e conseguiu um dinheiro pra fazer a terraplanagem do terreno. Daí quando o grupo contratou alguém pra fazer o serviço, eu lembro que o pai convidava o cara que operava a máquina pra almoçar lá em casa. Nesse meio tempo, o chefe Romão subia e mexia em tudo até fazer funcionar e ficava trabalhando durante o intervalo do outro cara”.

Mauro Machado já era amigo de outras pessoas que mais tarde se juntariam para conduzir o grupo durante dez anos. Há quem acredite que foi ele quem articulou para que o Padre Baron recebesse uma verba do governo do estado para as obras da sede. Uma casa simples, com telhado em duas águas, coberto por telhas francesas cor de terra. O projeto elaborado pela diretoria da época definia que no segundo piso ficariam os cantos de patrulha, espaços para que os jovens guardassem seus materiais de acampamento, tanto para os escoteiros quanto para os seniores. No piso de baixo, para onde se vai através de uma escada estreita feita em madeira, haveria uma sala de reuniões e um depósito para as barracas, cordas e

ferramentas, além de uma sala para os lobinhos. Já na entrada da sede, à esquerda, ficaria a secretaria do grupo. Hoje, há nela poucos móveis para ocupar o espaço. Apenas três armários de ferro e uma mesa com quatro cadeiras estofadas. Um pequeno balcão, feito em madeira e ainda sem pintura é a única divisória que existe para ser transposta. À frente da porta, uma mesa de madeira, idêntica aos modelos escolares, com algumas pastas e canetas, além de um pedaço de corda sisal já esfiapado. Atrás da mesa, uma panóplia, o suporte para as bandeiras, que fica no canto, entre as janelas da frente e lateral da sede. À direita da entrada, os três armários de ferro. Cada um deles possui quatro gavetas e apenas uma chave no alto para prender todas elas.

Como recheio das gavetas, há pastas com todo tipo de documento. Suspensas em barras de metal que correm da frente aos fundos da gaveta, feitas de papelão e com um prendedor de metal na lateral esquerda das folhas, as pastas já estão um pouco amareladas pelo tempo. Ali estão registradas as reuniões com os pais e entre os chefes. Algumas anotações esparsas também compõem o conteúdo do arquivo. Num deles, o ano de 1992 aparece bem destacado no alto da página, seguido de um círculo rabiscando a expressão “pedra fundamental”.

Era maio de 1992 quando a diretoria planejava uma solenidade para marcar a “arrancada” em busca da construção da sede própria. Para isso, nada melhor do que uma cerimônia, com a colocação de um primeiro objeto para marcar o início de uma caminhada. Em um sábado à tarde, os outros grupos escoteiros da cidade são convidados a participar do ato em que o padre Décio e o chefe André firmam uma pedra de granito sob um buraco em meio ao morro que fica de frente para a entrada principal do grupo. “Ali dentro foram colocados cartas e bilhetes para as gerações futuras e a promessa era de abrir depois que a sede estivesse concluída”, se recorda Arnaldo de Freitas, que participou da cerimônia como escoteiro do extinto grupo Benjamin Sodré. Fundado em 1986, este grupo funcionava no Clube Náutico Almirante Barroso, na rua de mesmo nome, muito próximo à rua Tijucas, que leva à igreja central da cidade. Sobre as correspondências guardadas, ninguém se recorda de que tenham sido abertas e as diretorias que se seguiram pouco conheciam desta

história, já que não leram todos os arquivos do grupo. Provavelmente, os papéis se desmancharam com o tempo e os arbustos de pés-de-silva formaram uma capa sobre as terras do morro que desceram e encobriram a pedra.

Em outra pasta, algumas fotos da entrada da sede estão guardadas. Em uma delas, uma construção inacreditável logo no início da rua que leva para a casa. É um portal, uma espécie de arco, com a identificação do Grupo Escoteiro Padre Baron. Além das mais de trinta pessoas que posaram para a foto (nove delas ainda usando o antigo traje cor de cáqui), há uma bicicleta Monark azul claro, muito comum na época, que repousa entre os mourões que cercam o terreno. Uma construção com mais de seis metros de altura e quase dez de comprimento emolduram a entrada. Tudo foi feito com madeira nativa e em apenas dois finais de semana pelos seniores do grupo, sob a chefia de Valter. Aos fundos da imagem, o monte de terra em que foi cravada a pedra fundamental para a construção da sede. O orgulho de ter feito uma obra daquele porte está estampado nos rostos que a fotografia registrou. Quem guarda uma cópia da imagem é o padre Décio. Alguns daqueles jovens se tornaram depois os adultos que mantiveram o grupo escoteiro aberto. Mas o portal não durou mais do que um ano. Foi destruído por vândalos que iam até a sede para roubar os pertences do grupo ou mesmo para fazer uso de maconha, cocaína e crack.

A localização sempre provocou problemas para o grupo. Próximo ao morro que fica aos fundos do presídio estadual, o terreno já serviu de rota de fuga para muitos e local de esconderijo para tantos outros. Vez por outra, era (e ainda é) comum observar viaturas policiais percorrerem a redondeza e ir até o platô do morro mais alto em busca de foragidos. Mas a localização não causou só problemas.

O terreno foi doado para uso do grupo pela administração municipal e estava localizado aos fundos do Horto Municipal, onde agregava exatamente o que os escoteiros queriam. Era suficientemente arborizado, com alguns morros, mas próximo a região central da cidade, o que o tornava bem localizado. “Aproximadamente doze mil metros quadrados, em sua maioria, área verde preservada”, atestam os relatos dos chefes dos anos 2000. Mesmo não

havendo documentos, alguns depoimentos dão conta de que já estava disponível este espaço para as atividades do grupo. E isto acontecia no final da década de 1980. “Eu me lembro que a chefia dizia ‘vamo lá fazê atividade no nosso terreno’, e o lugar só tinha mato”, lembra o então escoteiro Denison Duarte.

Há algumas incertezas entre os que participaram do grupo escoteiro Padre Pedro Baron sobre a doação do terreno por parte da Prefeitura. Além de Denison, algumas pessoas, como Marcelo Máximo, se recordam de praticar atividades atrás do horto, ainda nos anos 1980. Mas o fato de possuir um terreno não mudou muito a situação do grupo. Era preciso uma casa, uma instalação para guardar os materiais, fazer as atividades em dias de chuvas, atender os novos associados, cuidar da documentação em geral. Enfim, era preciso uma construção. Mas de onde tirar o dinheiro, justo em um grupo que tinha o “estigma de pobreza”, como diria André?

### **Contar centavos para erguer a casa e gente para registrar**

A ajuda para erguer a pequena casa veio de vários lugares. Silvio Mendes se recorda de irem buscar a madeira para a fundação da obra em Joinville, no litoral norte do estado. Para a construção da sede, aproximadamente dois terços do dinheiro necessário foi alcançado graças à harmonia do trio André Pimentel, Mauro Machado e seu xará Ballester. A vinda do grupo rendeu vários outros frutos, começando pela articulação com os poderes governamentais, que contribuiu para que o Padre Baron recebesse da prefeitura da cidade a doação de um terreno para sediar o grupo, logo nos primeiros meses de 1991. Isto também aconteceu em 1993, quando vieram Cr\$ 128 mil do Governo do Estado para fazer a cobertura da casa de alvenaria com dois pavimentos. Hoje, serviria para pagar apenas uma passagem de ônibus para que um escoteiro vá a uma atividade semanal. A volta para casa ficaria por conta dele.

Os vários jantares, rifas e bingos sempre marcaram a história do grupo Padre Baron. “Isso foi muito complicado, porque ninguém gosta de vender nada, mas era necessário”, lembra

um André Leite, hoje mais magro e de cabelos embranquecendo. Graças a um grupo de pais que sempre se articulava para obter os materiais, brindes ou alimentos é que as campanhas aconteciam. “Eram uns três meses de planejamento e rendiam um pouco de dinheiro, não muito, mas um bocado”, ele relembra, agora mais pensativo e comedido do que já era.

De fato, vender bilhetes de rifas fez parte da vida de muitos jovens e pais daquele período. Mário José da Luz, pai de uma escoteira na época, recorda-se de momentos difíceis. Ele entrou para a diretoria em 2002 e tornou-se diretor financeiro. “Lembro-me das rifas, o que sempre era uma grande batalha para vender, mas posso dizer que ajudou muito o grupo a se manter em pé para continuar as atividades”. Nos arquivos do grupo, hoje sob a guarda de Jorge Andriani, há registros de atividades para arrecadar verbas em vários momentos. Em 2000, quando Lourdes Blageski era presidente, ficava sob a responsabilidade do Escritório Regional de Santa Catarina organizar e distribuir para todo o estado uma rifa que geralmente custava mais do que as de escolas e cujo ganhador sempre pertencia a uma cidade muito distante. Mas é em 1991 que pela vez primeira aparece nos registros do Padre Baron uma discussão sobre como reunir dinheiro para custear as atividades e materiais. O almoço seguido de bingo provavelmente aconteceu nas instalações do Parque Dom Bosco, local de ligação umbilical para o grupo itajaiense.

Mário, pai da escoteira e guia Andréia Peixer, se recorda de outra atividade, menos rentável que os jantares e bingos, mas que também causou certa dor de cabeça para a diretoria do grupo. “Um fato engraçado foi quando fizemos a campanha para coletar latinhas de alumínio, organizada pelo Jorge Andriani. O pai de uma lobinha trouxe várias latas de óleo, super sujas e ainda pingando um resto do líquido. Isso virou uma bagunça no grupo até conseguirmos organizar tudo e pedir somente latinhas de refrigerante e cerveja, já que pelo menos ficava mais fácil de arrumar”. Tantas foram as iniciativas para juntar qualquer montante que a maior parte dos antigos participantes se recorda disto até hoje, mesmo já distante da rotina do grupo. Silvio Mendes, hoje bombeiro militar em Itajaí, recorda de um jantar, apesar de a mente lhe trair na marcação do tempo. “Eu participei de muitas rifas,

mas me lembro de um jantar que fizemos pra levantar dinheiro. Na verdade, foi um caldo de peixe e isso foi lá no parque da Marejada”. Já Andréia, que frequentou o movimento até poucos anos atrás, ainda tem viva na memória as várias rifas, mas é de um jantar dançante que aconteceu no Clube Náutico Almirante Barroso, em 2005 e de uma festa caipira no ano seguinte, no pátio de atividades da sede. Uma grande tenda foi montada com as lonas e cordas que o grupo possuía. Foi uma grande obra de engenharia, que começou a ser construída na semana anterior e aproximou muitos pais da instituição. Sempre foram em momentos assim que a “captação de adultos”, como dizem os técnicos do escotismo, aconteceu.

Se Aloísio Júnior ainda estivesse no grupo, como quando era o personagem Baloo, falaria sobre a noite do pastel que o grupo promoveu, no início dos anos 2000. O urso gordo, preguiçoso, porém companheiro de todos, na história de Mogli, era o papel que cabia a Aloísio junto aos lobinhos. Assim funciona até hoje, com um fundo de cena de um antigo conto indiano, escrito por Rudyard Kipling no final do século 19 e aproveitado por Baden Powell. Um garoto perdido na selva é adotado por uma família de lobos e criado por eles como se fosse de sua ninhada. Durante sua infância, conhece outros animais que habitam a selva da Índia. A cobra Kaa, a pantera negra Bagheera, o velho lobo e chefe da alcatéia Akelá, além de outros animais como o elefante Hathi, o tigre Shere-Khan e os bandarlogs, um bando de macacos bagunceiros que só atrapalham a harmonia da selva.

Outra recordação das primeiras ações para erguer a casa do grupo vem de Alexandre Bini. “Para o início da construção da sede, precisamos contar com um enorme esforço da chefia e da direção do grupo, para levantar recursos, além dos memoráveis mutirões entre chefes e pais. Foram eles que efetivamente colocaram a ‘mão na massa’ durante vários finais de semana, dias inteiros, trabalhando como marceneiros, carpinteiros, pedreiros, encanadores, eletricitas, enfim, todo tipo de trabalho braçal para podermos ter, enfim, nosso teto”.

Sobre sair do movimento escoteiro, uma das mais planejadas foi a de André Pimentel. Depois de ele e os amigos Mauro Machado e Mauro Ballester ficarem a frente do grupo por aproximadamente nove anos, eles começaram a sair da direção da instituição e encaminhar os sucessores. André indicou Maria de Lourdes, ou simplesmente, Lurdinha, para presidir o Padre Baron após sua saída. Enquanto ela ia se preparando, André ainda ficou como chefe de lobinhos. Hoje, ele se sente tranquilo ao dizer que era hora de sair, pois foi uma saída planejada. Mas ser o homem a frente de uma associação como o Grupo Escoteiro Padre Baron o faria sempre ser chamado de chefe André, mesmo hoje em dia.

Se a chefia já considera difícil “captar” adultos hoje, imaginemos como seria complicado nos primeiros anos do grupo. E a quantidade de participantes do grupo era proporcional ao efetivo de adultos. Segundo os registros no escritório de Joinville, o Padre Baron teve o seu máximo de registrados em 1984, quando a diretoria do grupo encaminhou o registro de 31 lobinhos, 16 escoteiros, quatro seniores, doze chefes e mais dezenove pessoas participando da diretoria do grupo. Isto significa que para os mais de cinquenta jovens havia apenas dez chefes para realizar as atividades, já que Romão era chefe de grupo e haviam ainda os “chefes turistas”, como lembra Agostinho. “Naquela época existiam dois chefes que estavam registrados no grupo e tudo mais, mas nem sempre vinham porque moravam em Joinville e a distância sempre era um problema para eles”.

A quantidade de pessoas que frequentavam as atividades por um ou dois finais de semana e não mais retornavam era grande. Na maior parte dos casos, por acreditarem que é mais diversão do que disciplina e se frustrarem ao ver a realidade. Apesar disso, o número de participantes não era muito diferente nos cinquenta e oito grupos restantes no estado. Dois anos depois, a relação de registrados diminuiu consideravelmente, o que deve ter motivado o abandono da manutenção de duas alcatéias. Eram dezessete lobinhos, uma dezena e meia de escoteiros, catorze chefes e 21 participantes da diretoria, que faziam todo o possível para manter as atividades atraentes.



Só mesmo a convivência em um grupo para perceber um pouco de graça naquelas brincadeiras e regras sem fim. Os escoteiros se tratam como se fossem uma grande família. Dentro do movimento, temas como vida em comunidade, espírito de equipe, respeito e lealdade fazem parte de leis que todos os membros devem cumprir. Essa é a maior explicação para as palavras de Rodrigo Torraca.

Filho de chefe no final dos anos noventa, o rapaz ainda mantém viva na memória a história que viveu durante um acampamento em São Joaquim, na serra catarinense. “Esse acampamento me marcou porque, além de ser o primeiro que participei, aconteceu o agrupamento das três patrulhas masculinas para compor uma nova, já que eram poucas pessoas que tinham ido para a atividade. Essa união refletiu depois nas atividades de sede, criando um laço de amizade do qual só os grupos de escoteiros são capazes de criar”.

E para que esse convívio e a união citados por Rodrigo acontecessem, a rotina de acampar sempre teve de ser bastante intensa. E é o que os registros mostram, assim como a história guardada por muitos jovens, em várias épocas. Já no primeiro ano de vida, o Padre Baron realizou acampamentos no bairro da Praia Brava, onde aconteceu um encontro distrital chamado de ELO. Era meados de agosto do primeiro ano de existência do grupo. O nome do acampamento é uma sigla que significa Escoteiros Locais em Operação. Esta é uma atividade feita para escoteiros e seniores, que confraternizam entre si e participam de tarefas e jogos que proporcionem uma visibilidade social para o movimento escoteiro. Recentemente, este tipo de acampamento tem ganhado uma temática a cada edição, com a ideia de motivar os participantes. Em 1984, o encontro reuniu cento e noventa e sete participantes em Itajaí.

Já com a caligrafia do chefe Saulo Beling, há uma lembrança de um encontro acontecido na praia vermelha, uma localidade de Penha, poucas dezenas de quilômetros ao norte de Itajaí. No final do mesmo ano, a chefia do grupo esteve participando pela primeira vez de um encontro de adultos do movimento escoteiro. Os anfitriões foram os grupos de Blumenau, uma vez que não há até hoje entidade escoteira em Indaial.



Escoteiros comemoram a construção do novo portal para a sede do grupo em 1992.



Inauguração da sede própria do grupo escoteiro Padre Baron, construída nos fundos do horto municipal, em Itajaí em 1994.



Escoteiros montam torre de observação com bambus e sisal, durante acampamento, na década de 1980.



Participação do grupo escoteiro no desfile cívico de 7 de setembro, no centro de Itajaí, na década de 1980.



Promessa de lobinhos durante acampamento de grupo no Parque do Agricultor, em Itajaí, na década de 1990.



Parte do batalhão escoteiro S. Domingos Sávio durante fundação, em 02 de setembro de 1967.

# 5

## **Mudar para ficar de pé**

De fato foi preciso muito trabalho para que a sede própria ficasse pronta. E a ajuda veio de todas as partes possíveis. As contribuições eram feitas por empresas e pessoas de renome na década de 1980, através de depósitos em conta bancária dos dirigentes, como o que aconteceu com o chefe Romão. Mas os governos também contribuíram fortemente. Além do repasse do terreno, feito pela Prefeitura de Itajaí, o Governo do Estado repassou para André Pereira Leite da Silva, então presidente do Padre Baron, a quantia de 128 mil cruzeiros no dia 26 de novembro de 1993. A aplicação precisou ser bem planejada, pois o pouco dinheiro foi suficiente apenas para a montagem da estrutura para o telhado da sede que estava em construção. É claro que a colaboração de vários pais dos jovens foi fundamental para complementar o custeio da obra. Até mesmo o cargo de diretor de Patrimônio foi criado por um tempo.

Para chegar até este momento, os pertences do grupo escoteiro passaram por tantos lugares e mudanças que partes da história documentada foram perdidas. Reconstruir a caminhada de trinta anos representa percorrer novamente a trilha feita pela entidade. Do início, em uma parte de um antigo galpão de madeira no parque Dom Bosco, para duas salas nos fundos da igreja católica do bairro São Judas. Graças a uma reforma e ampliação no prédio da obra salesiana, que mudaria substancialmente seu formato, pondo abaixo o galpão e construindo no mesmo espaço 32 salas de aula. Com menos de dez anos de idade, o grupo teve que sair dali.



A entrada de Romão é lembrada por Agostinho Bernardes, um dos primeiros escoteiros e fundador do grupo. “A entrada dele veio quando nós tivemos que sair do Parque Dom Bosco, por causa da reforma que [os salesianos] estavam fazendo lá, e o grupo precisou de um novo local”. Por já conhecer Romão, que era vereador na cidade e religioso atuante na igreja do bairro em que residia, Tarcísio resolveu convidá-lo. Com isso, imaginava ter apoio da Prefeitura para um novo local permanente, além de conseguir um espaço provisório no salão paroquial de São Judas. Com a ajuda de Romão, o grupo é reconhecido como associação de utilidade pública municipal em 29 de junho de 1981, através da lei 1878/81. Isto possibilitaria a cessão do terreno para uso do grupo, anos mais tarde. Mas ele só poderia trabalhar como chefe de grupo depois que um documento específico fosse emitido pela organização estadual. Isso aconteceu em 1980, quando Romão do Amaral foi nomeado chefe de grupo pelo executivo regional Donald Malschitzky.

Romão passou a ser o ponto de equilíbrio no padre Baron por muitos anos. Pelo menos até que André e sua trupe chegassem, em 1989. Uma vez que Romão era a referência para a administração da igreja e sua saída causou certa desconfiança por parte dos religiosos, a incerteza sobre quem estava no comando começou a pairar. Depois de um tempo, a situação, já complicada, chegou ao seu ponto máximo. André cita a relação com um funcionário da paróquia. “O administrador da paróquia começou a dificultar nossa entrada. Só entregava as chaves se eu pessoalmente fosse lá e pegasse e devolvesse depois. Então fazer o que, né?!”

O grupo teve de desocupar as poucas salas que utilizava, pois assim a paróquia havia solicitado, em vista de uma prometida reforma na estrutura das salas de aula e do salão paroquial. Até hoje, apenas um novo galpão em estrutura pré-moldada foi erguido. Já as salas continuam a existir com seus tijolos crus à vista e detalhes em madeira pintada de verde. Quem se lembra de mais detalhes deste período é Denison, que descreve bem o espaço que o grupo usava nos anos 1980. “A sede era nos fundos da igreja do São Judas, em algumas salas que existiam lá, e nós tínhamos dois mastros, um localizado exatamente nos fundos da quadra e outro bem perto da rua lateral. Este último mastro ficava bem na

frente da então sala da chefia”. Como se visse ainda hoje aquele local, hoje transformado pela administração da paróquia. “A sala da chefia ficava na mesma sala que a secretaria, nos fundos de onde era o salão paroquial, feito de madeira. Tínhamos uma sala de materiais no andar de baixo, para guardar as barracas do tipo canadense, feitas de lona de caminhão e com estrutura em canos de metal de aço galvanizado. Isso era muito pesado pra mexer toda hora”. Silvio também estava no grupo neste período e aponta com a mão como se ainda estivesse no mesmo espaço. “Eu lembro que a sede era muito legal, com os cantos de patrulha no andar de cima, onde eram decorados com pedaços de bambu”.

Com o clima de desconforto que se instaurava, foi preciso que o grupo saísse mais uma vez e buscasse novo abrigo. Mais uma vez, é André quem fala sobre isso. “Eu conhecia na época o administrador do asilo Dom Bosco, que nos cedeu duas salas. Nós nos transferimos então pra lá, mas também era um local precário”. Um pequeno casebre, nos fundos do asilo, serviu provisoriamente para abrigar os jovens, os adultos e os materiais e documentos do grupo. “A sala ficava quase no final do pátio onde montamos nossos cantos de patrulha, mas não conseguimos deixar como antes. Perdeu um pouco o brilho de como era antes, perdeu o aconchego”, recorda Silvio. Ele ainda se lembra do vigia que os repreendia por deixarem as bicicletas jogadas no pátio, ao invés de colocá-las no espaço que a administração do asilo havia instalado no pátio. Uma boa notícia seria a autorização para a abertura de uma tropa escoteira feminina, o que era novidade na maioria dos grupos escoteiros até então.

Foi Lilian Bini, mãe de Alexandre, que aceitou a empreitada. Ela foi deslocada da alcateia para assumir a tropa escoteira feminina. Há registros de participações de Lilian nas reuniões de pais falando sobre o assunto. A primeira foi em 20 de maio de 1991 e o encontro aconteceu no asilo, em uma sala que comportou vinte e uma pessoas, sendo cinco chefes. Padre Décio também falou no encontro, dissertando sobre a função do chefe escoteiro como educador do jovem. Mesmo com a chegada dos novos adultos, Valter comentou a necessidade de haver mais chefes, principalmente para os escoteiros e os seniores. Lilian foi auxiliada por André, que conduziu a reunião por cerca de uma hora e meia. Além de

apresentar a ideia, que foi submetida a aprovação de todos, estavam na pauta a recomposição da comissão executiva do grupo e a necessidade do grupo desocupar as salas nos próximos dez dias.

Aos fundos do abrigo para idosos mais conhecido de Itajaí, havia duas pequenas salas para guardar os materiais. O caminho que levava a este local para quem entrava pelo portão de ferro da rua Indaial era ladeado por hortaliças cultivadas pelos próprios internos. Quem olhava pela esquina das ruas Indaial e Carolina Vailatti apenas enxergava as crianças vestidas com uma roupa marrom escura e um tecido amarelo forte no pescoço fazendo algumas brincadeiras, aparentemente sem propósito. Mas para os que estavam lá todas as semanas, era como uma deliciosa rotina. É assim que Eduardo Wetzstein se lembra daquele momento. Mesmo frequentando outro grupo escoteiro na época, o Alfredo Pereira, o garoto passava por ali vez ou outra e acompanhava de longe os jogos e os adestramentos feitos todas as tardes de sábado. Mas a permanência do grupo ali não durou tanto tempo que fosse possível fincar raízes. A convivência de jovens e idosos ali não era bem vista por algumas pessoas da administração do asilo.

Como não era mais possível ficar em uma situação cigana, já que um endereço fixo era fundamental para que a entidade se estabelecesse, a direção tinha em mente alçar voos maiores. “Foi nesse período que começou um movimento para que conseguíssemos um terreno da prefeitura. Eu tinha acesso a algumas pessoas lá, assim como o Mauro Machado, que ajudou muito. Assim que conseguimos, nos transferimos mais uma vez”, revela André. Ele faz referência à última mudança que o grupo fez antes de ocupar a casa própria. Não tendo mais para onde ir, a volta para o Parque Dom Bosco foi o único caminho encontrado pela diretoria do grupo. “Lá foi pior ainda, pois só tínhamos onde guardar os materiais e não havia espaço para as patrulhas”, lamenta Silvio. Para que o estado do grupo melhorasse em termos de independência nas instalações, logo seria fincada uma pedra que marcaria o início das obras no terreno recentemente cedido.

Quando Flávio Dellazzana ingressou no grupo, as atividades já aconteciam no terreno da Ressacada. Mesmo com pouca infraestrutura, todos já aparentavam muita vontade em estar ali e passar pelo menos duas horas de uma tarde de sábado em contato com a natureza e amigos. Os quilos a mais que Flávio tem hoje não existiam no final dos anos noventa e isso lhe permitia usar uma bicicleta para chegar até o terreno. Ele lembra até hoje a sensação de estar naquele local. “A sede era na Ressacada, atrás do horto municipal, e a entrada era uma lama só. Mas quando a gente chegava perto do grupo, não sei se pelo horto ou pelo espírito escoteiro presente ali, tinha um cheiro maravilhoso, cheiro de aventura com lama e mato malhado. Eu só me lembro que o cheiro era ótimo”.

Mesmo sem sentir este cheiro e reconhecer aquele espaço como a sede atual do grupo, Alexandre e Marcelo escreveram grande parte da história do Padre Baron. De volta ao Parque Dom Bosco para lembrar um acontecimento de 1993. O dia é 3 de julho e há cinco pessoas reunidas em uma das salas da obra salesiana, provavelmente nas mesmas coordenadas geográficas em que o grupo já funcionou há 25 anos. Renato Bini e seu filho, Alexandre, com Marcelo Máximo, Silvio Mendes e André Pimentel Junior, filho do chefe André, depois de algumas semanas lendo material escoteiro, decidem fundar um clã pioneiro para o grupo. Todos estavam uniformizados de forma impecável, já que era um sábado de atividade em sede. Apenas Renato utilizava um lenço diferente, que representa a conquista da Insígnia da Madeira, o grau máximo para a formação educacional de um adulto no escotismo. Mesmo sendo algo raro, alguém possuía uma câmera fotográfica – é bem provável que fosse da família Bini, a com melhores condições financeiras na ocasião – e registram o encontro. Para representar o fundador, um quadro com a imagem dele é colocado no centro do grupo que aparece sorridente na imagem guardada por Alexandre até hoje.

O grupo sempre teve, como qualquer outro, um quadro com a imagem de Baden Powell. Mas no Padre Baron houve uma ideia de mostrar a diferença. Algumas pessoas se recordam de ter visto, entre 1994 e o ano seguinte, uma escultura especial. É a imagem em tamanho natural do fundador do escotismo, Baden Powell, entalhado em tronco único de madeira. A



obra fora produzida por um chefe de lobinhos e policial militar. Camila e Aline, escoteiras do grupo, ficaram orgulhosas pela demonstração da habilidade do pai, Jairo, e por sua dedicação ao movimento escoteiro. Como já era de se esperar, a escultura de Baden Powell utiliza o lenço do Padre Baron. A diretoria acreditava que seria egoísmo ficar com a escultura em sua sede, segundo André, e por este motivo o trabalho de Jairo foi parar em Joinville, sob a responsabilidade do Escritório Regional. A entrega aconteceu em 1996, durante uma assembléia estadual dos grupos escoteiros em Brusque, quando André fez a entrega de forma solene.

Um ano depois, Valter Néis assume o comando da microrregião escoteira em que está o Padre Baron. Durante um ano, o chefe sênior, e empresário durante a semana, organiza o escotismo e faz com que o estigma que havia em relação ao grupo fosse se anulando. Mesmo assim a quantidade de associados diminui de forma considerável. Em 1997, eram cinquenta e um participantes inscritos junto a União dos Escoteiros do Brasil. No ano seguinte, essa quantidade se limitaria a três dezenas e passando a 23 em 1999. A busca por jovens e adultos começa a ficar constante e a chefia passa a pedir, durante a cerimônia de abertura semanal, que os jovens convidem mais amigos para as atividades. Como a situação é crítica, os pedidos passam a ser feitos também nas reuniões com os pais, para que eles estejam aos sábados e vivenciam os encontros junto com os filhos. A situação começa a se alterar e, em 2000, o grupo registra 68 pessoas.



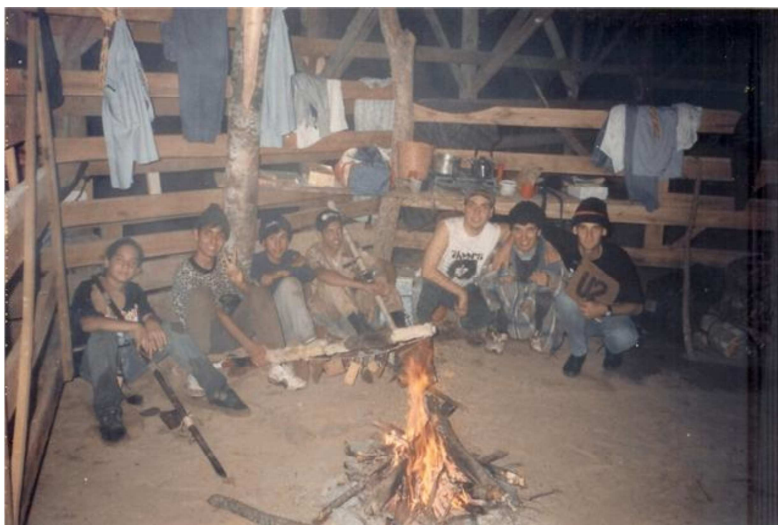
Fundação do clã pioneiro do grupo, com Marcelo Máximo, Renato Bini (mestre), Márcio Aguiar, Alexandre Bini e André Pimentel, em 1993.



Construção de barraca suspensa (pioneira de médio porte) em acampamento do ramo sênior na área rural de Itajaí, em 1998.



Escoteiros realizam missa em comemoração aos 12 anos de fundação na igreja do bairro Dom Bosco, em 1990.



Reunião de monitores em noite de acampamento para avaliar as atividades, em 1993.



Almoço de confraternização com pais de associados do grupo escoteiro, em 1998.



Alexandre Bini, Marcelo Máximo e Márcio Aguiar chegam ao morro do Baú, onde chefe Valter Neis os aguardava, em 1991.

# 6

## **A luta para chegar lá**

Mário José da Luz é mais um dos tantos pais que entrou em um grupo escoteiro porque estava em alguma reunião, acampamento ou encontro, e ficou comovido pela situação da entidade. Ele ainda se recorda de como encontrou o Padre Baron. “Foi a chefe Lilian quem me indicou o Dalmo, então presidente do grupo, e ele me convidou para fazer parte da diretoria e darmos uma nova vida ao grupo, que estava funcionando com a tropa sênior. O matagal estava tomando conta da sede e o perigo de roubo era constante”.

Foi exatamente neste período que o grupo ganhou um caseiro para cuidar e manter o terreno limpo para as atividades, além de garantir que haveria alguém todos os dias no local. Uma maneira de tentar afugentar os invasores que sempre rondaram o terreno da Ressacada. Uma casa foi construída no pátio inferior da sede, com blocos de cimento pré-moldados e uma família contratada para ocupar a construção. Um homem, sua esposa e duas crianças, um casal, para ser mais exato. O menino tinha seis anos e sua irmã, um a menos. Seus nomes pouco são lembrados até mesmo pelos antigos diretores da associação escoteira.

Mário entrou no grupo em 2002 e começou a ajudar quando todos participavam em grandes acampamentos e ele ficava na parte de apoio à cozinha, fazendo as refeições. Como a infraestrutura ainda era mínima, foi preciso mobiliar a sede. “Ganhamos uma geladeira usada da mãe do Dalmo que está funcionando até hoje na sede”, lembra, em meio a risadas.

Por sua vez, Dalmo chegou ao grupo um ano antes e por conta de um convite feito por André para sua família. “Os meus filhos estavam na mesma festa que André, quando ele começou a contar o que o escoteiro fazia e eles se empolgaram. No sábado seguinte haveria um acampamento e eles foram pedir para que eu e minha esposa fôssemos colaborar no jantar para os lobinhos”. A maior parte das pessoas só se dá conta de que já está no grupo e que o escotismo está nela algum tempo depois. Foi o que aconteceu com estes dois homens, ambos hoje chegando aos cinquenta anos e funcionários de empresas multinacionais com sede no Vale do Itajaí.

Homens de negócios que aos finais de semana se convertem em educadores. Eis aí um dos vários tipos de pessoas que se dispõem a doar bem mais do que as duas horas de sábados para as atividades escoteiras. São pessoas que contribuem para que o Grupo Escoteiro Padre Baron chegue até onde está hoje. André, Lilian, Mauro, Lurdinha, Jorge, Ione, Dalmo, Mário, Valter e tantos outros que fizeram questão de usar com orgulho um lenço amarelo no pescoço. Eles conseguiram, por exemplo, fazer com o que o grupo tivesse participação no Conselho Municipal do Meio Ambiente, o que aconteceu em abril de 2007.

Neste mesmo ano, um encontro com todos os grupos escoteiros de Itajaí aconteceu no centro da cidade. Querendo mostrar o escotismo para a população, eles fizeram atividades durante os festejos de aniversário do município. Algo semelhante foi organizado seis anos antes. Não só para comemorar a mesma data, mas para que Cleide Brandt, já pioneira, colocasse em circulação o “Informativo Chapelão”, uma espécie de publicação dirigida aos escoteiros de Itajaí. O projeto do pequeno jornal serviria para que a garota alcançasse a conquista máxima no ramo pioneiro. Como a entrega do distintivo demorou mais do que todos esperavam, ela abandona o movimento.

Alcançar o mais alto grau em uma determinada faixa etária também era o objetivo de vários jovens. Alexandre Bini e Marcelo Máximo conseguiram isto, quando tinham dezessete anos “Nós tínhamos uma rivalidade gostosa, então quando o Alexandre conseguia, eu ia lá e ralava até conseguir também”, lembra Marcelo, olhando para um pedaço de couro escrito

“Escoteiro da Pátria”. A homenagem foi entregue em 1992, com a assinatura de todos os participantes do ramo sênior e dos adultos do grupo, circundando um mapa do Brasil desenhado no centro do couro. No verso, uma mensagem pessoal que ainda faz Marcelo ficar com os olhos mareados. *“Marcelo, talvez só Deus e Baden Powell saibam o prazer que sinto ao te entregar este distintivo. Que ele sirva de compensação pelas dificuldades enfrentadas até agora e de estímulo para que continues lutando pelo movimento escoteiro, pois tenho certeza de que ambos precisam um do outro. Chefe Valter”*.

### **Os vários presidentes e o mesmo sonho de ter um local seguro**

Quando Aloísio chegou ao Padre Baron, a função de Valter já havia sido ocupada pelo segundo filho de André, de mesmo nome do pai, mas conhecido pelos jovens apenas por Júnior. Depois dele, um vácuo se formou no ramo sênior, mais profundo do que o sentido entre os lobinhos, que haviam tido diversos chefes por poucos meses. Talvez somente André tenha permanecido tanto tempo na mesma função, já que estava se retirando do movimento. No ramo escoteiro, a ida de Lilian para a função de coordenadora da microrregião escoteira a que o Padre Baron pertencia, fez com que alguns pioneiros assumissem a chefia, além de Dellazzana, que veio para cumprir esta função a pedido de André.

Assim que foi constatada a problemática na direção da entidade, alguns apaixonados pelo grupo decidiram permanecer para que pudessem reerguer o grupo do lenço amarelo. Rossano Linassi, que passou nove anos dentro do Padre Baron, percebeu que era chegado o momento de contribuir em novas funções. “Na época, o Luiz Córdova assumiu a presidência e, como ele já comandava a tropa escoteira, me fez o convite para que eu tocasse o ramo sênior, sob pena de fechá-lo por falta de chefia”. O grupo havia sofrido vários revezes desde que André saiu da presidência do grupo e passou a ser chefe de lobinhos. Em uma reunião na casa da sua sucessora, Lurdinha, ele anunciou que enfim era chegado o momento e não mais participaria do movimento escoteiro. Não há nenhum



registro em ata sobre a conversa que certamente aconteceu entre os presentes. André passou mais de dez anos a frente do grupo e mais um ano como chefe de seção.

Lurdinha foi a presidente que registrou mais encontros com os chefes nos livros de registros do grupo e fez isso de forma sistemática. Em vários textos, os assuntos são rotineiros, como as próximas atividades, a necessidade de angariar dinheiro para a manutenção do grupo ou mesmo as reuniões exclusivas da diretoria em que eram tratados temas burocráticos. O aumento do traje escoteiro foi tema de, pelo menos, cinco reuniões e os valores sofriam reajustes pequenos, já que a inflação desde 1995 passou a cair e se estabilizar em poucos dígitos, por conta do novo plano econômico lançado pelo governo.

No mesmo caderno de capa preta onde há uma etiqueta colada na capa identificando o material, foram registradas as assembléias de pais para tratar de temas maiores. Em 2001, aconteceu uma “palestra informativa” sobre o escotismo, atividade imposta pela União dos Escoteiros do Brasil aos candidatos a chefes e aos pais de jovens desejosos em ser associados. A pretensão da entidade era capacitar melhor os participantes do movimento escoteiro sobre as mudanças que estavam acontecendo em todo o continente americano. Mudava a forma de ver o jovem dentro do escotismo e agora a organização escoteira latino-americana passou a focar muito mais o lado pedagógico que a diversão e entretenimento. Como local, a reunião aconteceu na garagem da casa de Cleide e seu irmão, Kleber. O rapaz, que havia sido lobinho no grupo entre 1985 e os dois anos seguintes, retornou ao movimento escoteiro em 1999 para ser pioneiro e depois se tornar chefe. A garota foi responsável por apresentar as novidades naquele encontro.

A última redação de um encontro sob a presidência de Lurdinha aconteceu na noite de 10 de novembro de 2001, quando uma assembléia de pais elegeu Luiz Córdova Junior para presidir o grupo escoteiro Padre Baron. A família do jovem, com 21 anos na época, tem uma longa trilha no mesmo grupo. O pai já foi escotista quando a sede ainda era no Asilo Dom Bosco e se tornou bastante popular entre os escoteiros, seus comandados, e os lobinhos, que tanto queriam tê-lo como seu chefe.

Depois que Junior entrou no grupo, logo sua irmã Juliana, três anos mais nova, seguiu o caminho. Quando o pai se retirou do grupo, a menina o seguiu, mas Junior queria permanecer e assim o fez até ser sênior. Aos 18 anos, quando precisou se alistar no exército, ele serviu na Marinha do Brasil, mas regressou ao escotismo naquele ano para ser assistente de chefe escoteiro. Como a assembleia se aproximava e não havia quem substituísse a única mulher presidente do grupo, Junior aceitou o desafio.

Havia acontecido uma reforma recentemente na casa que hospeda o grupo. A cozinha fora ampliada e algumas instalações alteradas, como a entrada dos banheiros, que passou a ser por dentro da sede e não mais pela parte externa, e as salas no andar térreo remodeladas para comportar as pretensões do novo presidente. Mesmo assim, diversos roubos ainda aconteceram, até que Dalmo, sucessor de Luiz, colocasse uma família para morar no terreno e exercer as funções de caseiros do local. É ele mesmo quem conta sobre um dos mais recentes assaltos que o Padre Baron sofreu. “Em 2003 entraram em nossa sede e roubaram tudo até pias e bacio de banheiros. Com a ajuda do Luiz Sandri, um dos donos da Tamoyo e pai de dois escoteiros, nós construímos a casa do caseiro que deu uma tranquilidade para a gente em relação a roubo”.

Onde deveria ser a entrada para o terreno do grupo, estava instalado desde o início dos anos oitenta, um bar, ou melhor, a ‘Biroska do Farias’. A primeira vista, a impressão que se tem é que o lugar está abandonado, com duas mesas feitas com os troncos de árvores cortados para servir de bancos. Como nenhuma ação foi feita antes, o homem acreditou que a invasão seria tranquila e que ninguém se sentiria perturbado. As discussões da diretoria com ele se intensificaram durante o mandato de Dalmo, mas o caso só se resolveu com a morte de Farias, um fanático pela esquerda política, por insuficiência cardíaca. Fumante desde jovem, não havia mais condições de manter o estabelecimento comercial até as altas horas da madrugada e ainda ir para casa com a velha bicicleta, vermelha como a bandeira que ele mantinha na parede do bar.



Com a demora para que o caso fosse resolvido, Dalmo já não era mais presidente e João Ricardo Scharf, pai do escoteiro Matheus, havia assumido seu lugar durante a assembleia de 2005. Jorge permanecia como chefe no grupo e propôs uma abertura para que facilitasse o acesso de todos à sede. Mas a realização deste sonho só aconteceria alguns anos depois, quando o próprio Jorge organizou um mutirão para que acontecesse a tal mudança. Até então quem quisesse conhecer ou visitar os escoteiros de lenço amarelo precisaria contornar o horto municipal pelos fundos, através de uma estrada de chão batido, comprimida entre a cerca de arame farpado e os morros onde jazia a pedra fundamental da sede. Bambuzais e ipês roxos brotavam pelo lado do horto e invadiam a rua, pingando de colorido os duzentos metros da ruela até a curva acentuada para a esquerda que levava a casa.

Como já havia uma instalação bastante confortável, apesar de rústica, poucas manutenções se fizeram durante as presidências de João Ricardo, o fotógrafo, e de seu sucessor Alcimar dos Santos. A mais visível delas provavelmente seja um portão de ferro colocado exatamente na curva de acesso a sede, além dos postes de energia ao longo do trajeto entre o acesso a rua e o portão. Dois mastros simples, feitos de eucaliptos, foram colocados na área de domínio do grupo, uma no platô do morro, aos fundos da casa, e outro em uma pequena área, em frente à sede e abaixo do nível da rua de acesso. Isso faz lembrar quando, em 1992 o grupo passou a usar um mastro novo no pátio do parque Dom Bosco. Pela articulação de André e Valter, a diferença em relação aos mastros comuns, além do fato de ser feito em ferro zincado, era o formato de cruz, possibilitando o hasteamento de três flâmulas ao mesmo tempo. Mas a prática do grupo era sempre utilizar somente duas, a bandeira nacional e a do grupo, menor em tamanho e mais pesada que a primeira.

**“... bem cedo, junto ao fogo, tornaremos a nos ver...”**

Talvez o momento da promessa escoteira, ou seja, a declaração pública de que deseja ser um escoteiro de verdade, fique gravado como o momento mais importante para quem entra no escotismo. E o segundo ritual mais marcante atenda pelo nome de “fogo de conselho”. Não há nada de secreto nele, mas a mística e a sensação de estar ao redor de uma fogueira

com amigos fazem com que quem já utilizou um lenço enrolado no pescoço recordar daqueles instantes. Mas nas palavras de Rodrigo, o fogo de conselho é um “momento de partilhar, de descansar do trabalho físico de um dia de acampamento e de se divertir com os amigos escoteiros. É hora de reflexão e muitas vezes de lágrimas, por marcar o final de um acampamento longo, a despedida de um colega que segue em frente no escotismo ou até a ascensão de um chefe novo.

“Alguns pedaços de madeira seca amontoados ardendo em chamas é uma descrição muito simplória do que significa o fogo de conselho”, disse Denison, que ficou com a voz embargada e os olhos cheios d’água ao lembrar-se da cadeia da fraternidade. E pé, em forma de um círculo, e com as mãos entrelaçadas, os escoteiros balançam para os lados entoando a valsa da despedida. É provável que os primeiros escoteiros de Itajaí, do grupo Domingos Sávio, tenham se lembrado da letra e cantado durante o velório do próprio Pedro Baron. Hoje, mais que qualquer outro sentimento, os escoteiros do grupo que carrega o nome de um padre, falam da sensação de alegria por saber que há amigos que, mesmo não se vendo mais, confiarão um no outro pelo resto da vida.

**Sempre Alerta !**



Fundação do clã pioneiro do grupo, com Marcelo Máximo, Renato Bini (mestre), Márcio Aguiar, Alexandre Bini e André Pimentel, em 1993.



Diretoria do grupo, com Dalmo Luiz, presidente (à esq.), Eneuzi Martins e Mário J. da Luz, no desfile cívico em 7 de setembro de 2004.



Grupo reunido ao fim do desfile cívico na Avenida beira-rio, no centro de Itajaí, em 2006.





Reunião de pais na cozinha da sede do grupo, que estava sendo ampliada, em 2006.



Abertura de atividade semanal, sob o comando de Rossano Linassi, na sede do grupo, em 2006.



Sentados, Jorge Andriani (sentado) e Mário J. da Luz recebem as guias do grupo na secretaria, em 2007.



Pe. Pedro Baron - foto arquivo

É bem verdade que pouco se conhecia sobre o movimento escoteiro na Itajaí do início do século vinte. Mesmo assim, o padre Pedro queria trazer o escotismo para a cidade. Rapazes ordeiros, cumpridores de regras e cidadãos de bons costumes eram sonhos comuns aos salesianos e aos seguidores de Baden Powell.

Baron já havia lido sobre os jovens de lenço no pescoço durante sua estada nas cidades do interior paulista. Mas foi de sua terra natal que o italiano trouxe a vontade de expandir a filosofia do general inglês. Sua iniciativa motivou, anos mais tarde, a fundação de um grupo, que resolveu homenagear o padre mais influente da cidade do interior de Santa Catarina.

Em trinta anos de existência, as histórias para contar são muitas. Desde acampamentos a novas amizades que se formaram ao longo do tempo e renderam até casamento. Mas nem só de festas e alegrias vive um grupo escoteiro.

A única certeza é que o fato de o Grupo Escoteiro Padre Baron possuir a força e o reconhecimento popular que tem hoje, só pode ser fruto de um trabalho coletivo de pessoas que doaram mais que apenas duas horas por final de semana para o escotismo.